



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

**CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA –
SOCIEDADE, ESTADO E POLÍTICA NA
AMÉRICA LATINA**

**A HISTÓRIA CONTADA POR UMA FIGUEIRA
OS CONCEITOS DE MEMÓRIA E TRAUMA NO ROMANCE A *ILHA DAS
ÁRVORES PERDIDAS***

MYLENA DIAS KRUGER

Foz do Iguaçu
Ano 2024



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)**

**CIÊNCIA POLÍTICA E SOCIOLOGIA –
SOCIEDADE, ESTADO E POLÍTICA NA AMÉRICA
LATINA**

A HISTÓRIA CONTADA POR UMA FIGUEIRA
OS CONCEITOS DE MEMÓRIA E TRAUMA NO ROMANCE A ILHA DAS ÁRVORES
PERDIDAS

MYLENA DIAS KRUGER

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de economia, sociedade e política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência política e sociologia – Sociedade, Estado e política na América-Latina.

Orientador: Prof. Doutor Evander Ruthieri Saturno da Silva

Foz do Iguaçu
2024

MYLENA DIAS KRUGER

A HISTÓRIA CONTADA POR UMA FIGUEIRA
OS CONCEITOS DE MEMÓRIA E TRAUMA NO ROMANCE *A ILHA DAS ÁRVORES*
PERDIDAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de economia, sociedade e política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciência Política e Sociologia – Sociedade, Estado e política na América-Latina.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Evander Ruthieri S. da Silva
(UNILA)

Profa. Dra. Juanita Cuéllar Benavides
(UNILA)

Prof. Dra. Livia Santos de Souza
(UNILA)

Foz do Iguaçu, 10 de março de 2025.

Dedico este trabalho a todas as árvores que
estão nos observando.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente ao meu orientador Evander por todo suporte e apoio durante essa jornada de conclusão. Da mesma forma, agradeço os professores que foram parte da minha formação e que de alguma forma contribuíram para a finalização deste estudo e da minha graduação.

Agradeço a Mylena de 17 anos que insistiu na carreira de Ciência Política e Sociologia, e mais que isso insistiu na Unila, foram anos difíceis, mas de muitas experiências e aprendizados. A essa versão de mim, gostaria de dizer boa sorte em sua jornada e para passar pelos momentos difíceis que virão se apegue a literatura.

A minha companheira de vida que amo imensamente, Arielle Yasmim, agradeço por me acompanhar nesse processo, tendo paciência durante meus momentos difíceis e me apoiando nas vezes que não conseguia continuar. Também escutando meus longos áudios e comentários sobre meu trabalho, que no fim de tudo adorei produzir. Obrigada por fazer parte da minha vida e dividir esse momento comigo.

Aos meus pais, agradeço o apoio e companhia durante toda minha graduação. Para além disso, agradeço por tudo que fizeram por mim, pelo cuidado, atenção e suporte durante minha vida. Sou eternamente grata e lhes amo muito. Agradeço também muitos familiares e amigos que de alguma forma sentem que contribuíram para a realização deste trabalho.

Obrigada a minha psicóloga, que durante minha graduação me ajudou a lidar com as adversidades e me sentir realizada na carreira que escolhi.

Por fim, obrigada a todos os livros que já li e histórias que já cruzaram meu caminho, que de algum jeito me ajudaram a criar um amor pela literatura.

*As vozes da nossa terra natal não param de ecoar em
nossa mente. Nós as levamos conosco aonde quer que
vamos.*

Elif Shafak

RESUMO

Esse estudo visa analisar as relações entre memória, identidade nacional e trauma intergeracional no romance *A Ilha das Árvores Perdidas*, da romancista turco-britânica Elif Shafak. Para tal, buscamos entender os aportes teóricos-metodológicos da Sociologia da Literatura e da análise de discurso a partir das discussões do círculo de Mikhail Bakhtin. Também, objetivamos compreender os conceitos de memória, trauma e trauma geracional para melhor identificá-los na trama. Como suporte para nossa análise, visamos estudar e discorrer sobre a história do Chipre, com atenção especial aos contextos de formação de movimentos nacionalistas. Com esse panorama, buscamos problematizar o romance para compreender como uma obra literária pode ser um objeto cultural para discutir os impactos de um conflito étnico em uma sociedade dividida.

Palavras-chave: Literatura; Memória; Trauma; Chipre; Análise do Discurso.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar las relaciones entre memoria, identidad nacional y trauma intergeneracional en la novela *La isla del árbol perdido*, de la novelista turco-británica Elif Shafak. Para ello, buscamos comprender los aportes teórico-metodológicos de la Sociología de la Literatura y el análisis del discurso a partir de discusiones en el círculo de Mikhail Bakhtin. Además, pretendemos comprender los conceptos de memoria, trauma y trauma generacional para identificarlos mejor en la trama. Como apoyo a nuestro análisis, pretendemos estudiar y discutir la historia de Chipre, con especial atención a los contextos en los que se formaron los movimientos nacionalistas. Con este panorama, buscamos problematizar la novela para comprender cómo una obra literaria puede ser un objeto cultural para discutir los impactos de un conflicto étnico en una sociedad dividida.

Palabras clave: Literatura; Memoria; Trauma; Chipre; Análisis del discurso.

ABSTRACT

This study aims to analyse the relationships between memory, national identity and intergenerational trauma in the novel *The Island of Missing Trees*, by Turkish-British novelist Elif Shafak. We seek to understand the theoretical-methodological contributions of the Sociology of Literature and discourse analysis based on discussions in Mikhail Bakhtin's circle. Also, we aim to understand the concepts of memory, trauma and generational trauma to better identify them in the plot. As support for our analysis, we aim to study and discuss the history of Cyprus, with special attention to the contexts in which nationalist movements were formed. With this panorama, we seek to problematize the novel to understand how a literary work can be a cultural object to discuss the impacts of an ethnic conflict in a divided society.

Key words: Literature; Memory; Trauma; Cyprus; Discourse Analysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 DA MEMÓRIA AO DISCURSO: UMA REVISÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	17
1.1 SOCIOLOGIA DA LITERATURA	17
1.2 ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO	22
1.3 MEMÓRIA E MEMÓRIA COLETIVA	26
1.4 TRAUMA E TRAUMA GERACIONAL	31
2 CONFLITOS E NACIONALISMO NO CHIPRE	33
2.1 FORMAÇÃO MULTICULTURAL CIPRIOTA E O DESDOBRAMENTO DO CONFLITO	34
2.2 NACIONALISMO E IDENTIDADE NACIONAL NO CHIPRE	48
2.3 CULTURA NA FORMAÇÃO DOS NACIONALISMOS E MEMÓRIA COLETIVA	55
3 LITERATURA, TRAUMA E MEMÓRIA NO CHIPRE	59
3.1 O ROMANCE <i>A ILHA DAS ÁRVORES PERDIDAS</i>	59
3.2 OS SIGNOS CIPRIOTAS	63
3.3 A MEMÓRIA DA FIGUEIRA	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82

INTRODUÇÃO

O estudo visa analisar o conflito militar ainda vigente no Chipre a partir do romance *A ilha das árvores perdidas*, da romancista Elif Shafak. Ela é uma romancista turco-britânica e doutora em Ciência Política, e já lecionou em universidades na Turquia, Estados Unidos e Inglaterra. Em suas narrativas literárias traz provocações sobre os contextos sociopolíticos e culturais dos personagens e não é diferente com o romance escolhido. *A Ilha das Árvores Perdidas* foi publicado originalmente em 2021 na Inglaterra. É ambientado em duas ilhas diferentes com um passado interligado: Chipre e Inglaterra.

Chegamos ao romance escolhido por um acaso, como uma literatura de fruição. Após realizar a primeira leitura da trama de Elif notamos a profundidade dos temas e a maneira sensível na qual foram abordados. Compreendendo as nuances da narrativa, vimos a necessidade de buscar mais sobre o contexto histórico e político do Chipre e a partir deste contato com essa história, identificamos a possibilidade de construir uma análise a partir da literatura. O romance que se tornou o favorito da estante, resultou em um trabalho científico, pensando em uma abordagem não hegemônica de conflitos interetnais.

A narrativa divide-se em momentos históricos principais, em 1974, no início dos anos 2000 e no final da década de 2010. Nos dois primeiros momentos, os personagens centrais são Defne e Kostas, um casal de jovens que se separaram devido ao conflito cipriota em 1974, mas se reencontraram 25 anos depois. No terceiro momento, o destaque recai sobre a personagem Ada, filha deste casal, que não tem acesso às informações de sua história familiar. A trama aborda os muitos traumas dos personagens e, sobretudo, suas relações complexas com a memória coletiva de um grupo, assim como a maneira que eles tentaram lidar com essas situações ou fugir delas.

O romance conecta diretamente os contextos políticos e sociais do Chipre na segunda metade do século XX. Chipre é a terceira maior ilha do mediterrâneo, contando com a única capital, Nicosia (também conhecida como Lefkosia), dividida entre a República do Chipre e a República Turca de Chipre do Norte. A ilha teve sua história atravessada por um conflito étnico entre greco-cipriotas e turco-cipriotas, sendo o mesmo um conflito intraestatal internacionalizado, por envolver a Grécia, a Turquia e a Inglaterra.

A historiografia aponta que as raízes profundas do conflito estão relacionadas à longa duração, sobretudo à Idade do Bronze (3300 a.e.c. 1200 a.e.c.), quando a cultura grega se estabeleceu na região, o que modificou, significativamente, as dinâmicas

socioeconômicas que a ilha possuía até o momento e conectando-a ao mundo mediterrâneo. No século XVI, ocorreu uma invasão e ocupação do império turco otomano que perdurou 300 anos, até um acordo realizado com a Grã-Bretanha em 1878 para a administração da ilha. Na sequência, no período referente à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o Chipre se tornou uma colônia britânica. Notamos que, por esse processo, diversas influências culturais se estabeleceram no país, transformando a região num espaço de disputas geopolíticas.

Em 1960, a ilha tornou-se independente, juntamente com a proposta de unificação com a Grécia, rejeitada pelos turco-cipriotas, que solicitaram a divisão do país, ocupando a parte norte. A violência e xenofobia aumentaram no Chipre e, em 1964, a ONU iniciou uma operação de paz, vigente até hoje. Nessa operação de paz, foi estabelecida a linha verde, que divide o país entre norte e sul, entre turco-cipriotas e greco-cipriotas, respectivamente.

Para realizar nosso estudo, trabalharemos com uma problemática central: como a narrativa do romance *A Ilha das Árvores Perdidas* produz interpretações sobre os traumas geracionais e a memória dos conflitos do Chipre? Nossa proposta visa identificar como a literatura nos permite problematizar as representações de traumas geracionais e da dinâmica entre memória e esquecimento, relevantes na análise do conflito do Chipre. Para a memória, dialogaremos sobretudo com as reflexões do historiador Pierre Nora, o qual compreende que esse conceito é vivo e carregado por grupos sociais. Conforme o autor, a memória está sujeita à lembrança e ao esquecimento, sendo um fenômeno atual e ligada ao grupo que a compartilha. Dessa maneira, conforme o sociólogo Michael Pollak, definindo o que é comum e diferente, reforçamos a ideia de pertencimento e distâncias sócio-culturais. Pollak fornece algumas ferramentas teórico-conceituais importantes, como, por exemplo, ao discutir a questão dos silêncios, das memórias subterrâneas e das lembranças traumatizantes. Ele nos apresenta como essas memórias traumatizantes são transmitidas ao longo de várias gerações, mas também que um longo silêncio sobre o passado conduz a resistência dessas memórias.

Dialogando com a noção de identidade coletiva e individual, observamos no romance um rompimento dessa identificação na trajetória dos personagens, gerado pelo trauma do conflito. Abordando o conceito de trauma, analisaremos que ele pode ser de aspiração interna do indivíduo, ou coletiva. Em decorrência da teoria do trauma, iniciada por Freud, podemos pensar o trauma em uma abordagem literária. Esse conceito remete

a uma fixação em um momento de ruptura e no romance trabalhado, essa ruptura está ligada ao escalonamento da violência decorrente do conflito (Silva, 2002, p. 138).

Conforme veremos em Bohleber, os traumas passam as capacidades de elaboração dos sobreviventes de um conflito, transmitindo para a próxima geração, principalmente em famílias que os pais tentaram se proteger do trauma, negando o mesmo. Dessa forma, as crianças são socializadas com o trauma, mesmo que pela sua negação, gerando uma identificação com o sofrimento dos pais chamada telescopage (Silva, 2002, p. 141).

A relação do trauma com a literatura encontra-se na possibilidade de ultrapassar esses limites da realidade, além de representá-la. A literatura se materializa nos testemunhos, apresentando um modo diferente de se relacionar com o passado. Com esses aportes, construiremos uma base para pensar o romance de Elif Shafak, sobretudo a partir da análise de discurso, considerando-se portanto, o caráter testemunhal do romance

Shafak nos descreve e exemplifica com sua produção literária o que podemos entender por traumas geracionais. Podemos estudar esse conceito, entendendo-os como acontecimentos marcantes que perpassam e afetam diferentes gerações de um grupo social, que vivencia as consequências de maneira distinta. Ligando esses dois conceitos, identificamos no romance *A Ilha das Árvores Perdidas* que o trauma geracional constitui abordagens diferentes sobre as memórias de um conflito, nesse caso, do Chipre. Notamos como responsáveis pela criação de Ada, Kostas e Defne optaram por não passar à filha as lembranças de seu tempo na ilha, inclusive não ensinando suas línguas maternas.

Utilizaremos como aporte a Sociologia da Literatura, focalizada principalmente nas contribuições de Antonio Candido, especialmente ao se atentar ao contexto em que a obra foi produzida, o contexto reconstituído a partir do romance, as relações sociais que o escritor se encontra e as características de um contexto social interiorizado na formação do romance e na estrutura da narrativa.

Recorreremos também à análise dialógica do discurso encontrada no círculo de Bakhtin, compondo uma metodologia de análise, que permite a análise além dos termos cartesianos e positivistas, englobando os discursos, as relações sociais, culturais e cotidianas. Apesar de não apresentar categorias específicas e fechadas para realizar o estudo, essa metodologia oferece uma série de métodos para pensar o discurso literário.

Trabalhando na metalinguística, Bakhtin afirma que essa área possui o mesmo objeto que a linguística, entretanto a primeira estuda as relações dialógicas, ou seja, as relações do discurso com seu contexto. Ele expressa que para se tornar uma relação dialógica, as relações lógicas-semânticas, do campo da linguística, devem se materializar, isso é possuir seu enunciado com um autor (Bakhtin, 2002, p. 184).

Por meio dessa metodologia, os signos e enunciados, formadores de discurso, são ligados às relações sociais e o autor. Nisso, não podemos separar, em nosso estudo, os discursos encontrados no romance de seu contexto social, político e econômico. O objetivo não é entender as relações semânticas no livro, mas sim suas relações com o meio em que se encontra e o enunciador, que pode ser a Elif se pensamos no romance na totalidade, ou os personagens na obra, expondo suas trajetórias.

Também buscamos discutir os contextos políticos cipriotas na contemporaneidade, pois o conflito étnico no Chipre perdura formalmente desde sua independência, assim como a missão de paz da ONU no país se estende desde 1964. Esse contexto nos levou a pensar como uma nação com um conflito vigente há tanto tempo avançou no setor econômico, estabeleceu relações de comércio com outros países e entrou na União Europeia com a capital ainda dividida.

Essas questões nos chamaram atenção para entender a história do Chipre, indo além das informações acadêmicas e dos canais oficiais que temos, mas buscando formas alternativas de olhar para o conflito. Forma essa, via um romance que constrói a relação de um passado fragmentado e um presente guiado pelo mesmo, ainda que inconscientemente. Também percebemos que, para entender as diversas dimensões de um conflito como este, podemos recrutar outras ferramentas, como literatura produzida por quem está, de alguma forma, mais próximo do acontecimento. Isso é, podemos pensar na Sociologia construindo uma base de fontes e ferramentas diversas para visualizar relações que antes talvez não foram notadas.

Dessa forma, no primeiro capítulo iremos realizar uma revisão teórico metodológica dos conceitos e ideias que nos serão úteis para analisar o romance. Iniciaremos pensando sobre as propostas da Sociologia da Literatura, entendendo como as produções artísticas e literárias partem e interagem dos contextos sociais. Seguindo a partir deste campo de estudo sociológico, relacionaremos com a análise dialógica do discurso, pensada pelo círculo de Bakhtin. Com esses pressupostos, entenderemos como

a formação dos signos e, a partir deles, a construção do discurso interior e psiquismo individual.

Da formação do psiquismo, debateremos o conceito de memória e memória coletiva, pensando na relação da lembrança e do esquecimento. Discorreremos sobre a construção dessa memória coletiva e os requisitos necessários para um grupo social dividir uma mesma lembrança, mesmo que com interpretações diferentes devido à construção do seu psiquismo. Logo, derivando da lógica da lembrança e de rupturas na mesma, abordaremos os conceitos de trauma e trauma geracional, passando brevemente pelo debate da psicanálise para estruturar nossas bases para pensar o romance.

No segundo capítulo, nosso foco incide em pensar a história do Chipre. A ilha no mediterrâneo possui um contexto histórico complexo para apresentarmos em sua totalidade. Dessa forma, o objetivo será apresentar um panorama da história cipriota para situarmos os principais acontecimentos na ilha e identificar as estruturas sociais que posteriormente iremos identificar na narrativa de Elif Shafak. Ainda nessa seção abordaremos os debates sobre os nacionalismos cipriotas, identificando as fragmentações presentes nos termos: grego, turco, cipriota, greco-cipriota e turco-cipriota. Como último tópico deste capítulo, iremos expor alguns outros exemplos de produções artísticas que tratam do conflito cipriota, demonstrando haver outras produções que podemos utilizar como ferramentas para análises sociais do contexto.

No terceiro e último capítulo falaremos sobre o romance selecionado para nossa análise, contanto um pouco sobre a autora e a trama da narrativa. Entendendo esse primeiro tópico, passaremos aos trechos do livro que podemos identificar a interiorização das estruturas sociais na narrativa, verificando como o conflito guia as ações e pensamentos dos personagens direta e indiretamente. Para finalizar, analisaremos o romance a partir da memória, trauma e trauma geracional, identificando na narrativa os momentos que vemos os impactos do conflito no psiquismo interior dos personagens e nas suas relações com a memória coletiva.

1 DA MEMÓRIA AO DISCURSO: UMA REVISÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Para iniciar as discussões propostas à pesquisa, iremos apresentar nossas bases teóricas metodológicas neste capítulo. Como estamos analisando uma obra literária, recorreremos inicialmente à Sociologia da Literatura para compreender como os romances podem ser utilizados nas ciências sociais. Esse enfoque permite abordar a produção literária em relação direta com seu contexto político, social e histórico, reconhecendo as interações entre literatura e sociedade e, principalmente, nas suas relações com a transmissão e resignificação da memória e nas reflexões sobre o trauma.

A partir da Sociologia da Literatura, dialogamos com os aportes metodológicos da análise do discurso. Pensando nos argumentos do chamado “círculo de Bakhtin”, estruturamos nossa metodologia através da análise dialógica do discurso. Nessa abordagem, estudamos o romance como uma linguagem viva e concreta, entrelaçada a relações sociais e políticas. Portanto, longe de considerar o romance como um “reflexo” da realidade social e política, o aporte metodológico busca compreender as relações dialógicas estabelecidas entre literatura e sociedade.

As relações que circundam o romance, situado no contexto do período de conflito em Chipre, principalmente a partir da década de 1960, oferecem elementos significativos sobre como esses eventos foram lembrados e registrados na memória coletiva dos cipriotas. Para tanto, buscamos compreender como a memória se articula com as produções literárias, explorando seus impactos tanto na construção da coletividade quanto na formação da individualidade de um determinado grupo social.

Ainda nesse capítulo, discutiremos os debates sobre memória, principalmente no campo da História e das Ciências Sociais, as colocações encontradas sobre o trauma e também sua relação com a literatura. Entender como a memória e o trauma se relacionam nos servirá para compreender como esses efeitos se expressam no romance analisado e também no conflito na ilha. Por fim, apresentaremos o conceito de trauma geracional e como ele se apresenta em um coletivo que vive por situações traumáticas, como conflitos civis, e como isso se propaga para as gerações futuras.

1.1 SOCIOLOGIA DA LITERATURA

A Sociologia da Literatura, definida como área de estudo, tem como pressuposto entender as expressões literárias como um fato social. A partir disso, focaliza em duas

possibilidades de estudo. Em primeiro lugar, compreendendo a literatura como um fenômeno social, com indivíduos e instituições que produzem, consomem e criticam os textos literários. E em segundo, entendendo como períodos históricos e problemas sociais se apresentam na literatura. Nossa pesquisa se enquadra nesta segunda proposta (Sapiro, 2023, p. 1).

O campo de estudo da Sociologia da Literatura teve suas dificuldades para se estabelecer, mesmo com uma produção crítica expressiva. Como aponta Gisèle Sapiro (2023, p. 3), as análises deste campo eram sociológicas demais para serem enquadradas nos estudos literários e literárias demais para entrar nos estudos sociológicos. Um dos desafios consistia em superar o entendimento de que as produções na área da literatura eram indeterminadas e únicas. Entretanto, ainda que com dificuldade para institucionalização, o campo se desenvolveu e buscou em sua trajetória superar as tensões disciplinares, como explica a autora.

Como uma especialidade, a Sociologia da Literatura surgiu na metade do século XX, impulsionada pelos estudos literários e, na sequência, como um subcampo da Sociologia (Sapiro, 2023, p. 7-8). Entendem-se as produções literárias como um meio de representação social, e pela possibilidade de analisar sociologicamente as relações entre o texto e seu contexto. Metodologicamente, as análises da área possuem uma discordância entre a crítica interna e externa, pensando na estrutura literária e na função social respectivamente. As preocupações desse campo de estudo vão desde como as obras são afetadas pelo meio social, até como as mesmas podem modificar a conjuntura das comunidades que possuem acesso.

Gustave Lanson, historiador e crítico francês, propôs, no início do século XX, a necessidade de situar a produção literária no seu contexto de produção, sem descartar a individualidade do autor. Através da história social da literatura, compreendeu a como uma produção e expressão social de determinado período. O autor também considera, em suas análises, a participação dos leitores, isto é, compreende que não são apenas receptores passivos no processo. Dessa maneira, a literatura se compõe como uma força organizativa do meio social, podendo ser uma espécie de força motriz social (Sapiro, 2023, p. 17).

Sapiro (2023) sumariza as diferentes abordagens da Sociologia da Literatura, por exemplo, apresenta uma corrente de base marxista, pensando a literatura como uma ação de comunicação, englobando o produtor, distribuidor e consumidor. Dessa forma,

baseada na estrutura econômica capitalista, a literatura seria mais uma superestrutura¹ desse sistema. Essa corrente se dividiu em análise literária, relacionando as formas de literatura e as situações sociais frutos da consciência coletiva, e um estudo focado em estudos culturais, como encontramos em Antonio Gramsci (Sapiro, 2023, p. 20).

Outra abordagem teórica relevante é a dos campos, desenvolvida inicialmente na década de 1970 no âmbito dos estudos literários. Essa perspectiva concebe o campo literário como um sistema autônomo, com suas próprias regras e dinâmicas internas. Essa concepção serviu de base para a teoria de Pierre Bourdieu, que aprofundou as conexões entre Literatura e Sociologia, proporcionando uma análise integrada das práticas culturais e suas relações com o contexto social. A corrente preconizada por Bourdieu entende a literatura além dos fatores de produção ou como reflexo da sociedade em que está inserida, mas como um campo que possui suas leis, hierarquias e princípios. Assim como em outros setores, no sistema de produções literárias existem os conflitos para manter ou alterar as relações de poder, com os próprios critérios que regem sua atuação (Sapiro, 2023, p. 26-27).

Uma terceira teoria apresentada é a dos Polissistemas. Também de base marxista, baseia-se na teoria da dependência e do “sistema-mundo” para entender a relação entre diferentes formas de produções literárias. Assim como a abordagem teórica anterior, essa proposta compreende a literatura como um fenômeno que deve ser analisado em articulação com seu contexto de produção, considerando tanto os elementos externos quanto internos. Nesse sentido, a teoria dos polissistemas destaca a inserção da literatura em seu próprio campo ou sistema, enfatizando suas dinâmicas internas sem reduzir a análise apenas a fatores externos. (Sapiro, 2023, p. 33-34).

Há outras teorias apresentadas por Sapiro (2023), da mesma forma que as que comentamos podem ser mais detalhadas e apresentam uma gama de autores que estão produzindo nesse setor. Entretanto, elegemos essas três para discorrer brevemente pela sua base marxista, que irá complementar nosso aporte metodológico futuramente, e também para exemplificar como o campo da Sociologia da literatura vem se expandindo, promovendo diálogos entre diferentes teorias, incorporando novas perspectivas e resignificando aportes de outras áreas do conhecimento.

Para adensar o arcabouço teórico-metodológico da pesquisa, recorreremos às

¹ Em Karl Marx, vemos que a superestrutura é determinada pela Infraestrutura, isso é, o modo de produção determina os outros aparatos da vida social, como o direito, por exemplo. Para mais informações acesse o livro *Contribuição à crítica da Economia Política* do autor.

Disponível em: https://gpect.files.wordpress.com/2013/11/contribuicao_a_critica_da_economia_politica.pdf

contribuições de Antonio Candido em *Literatura e Sociedade*. Nessa obra, Candido vai além de descrever a Sociologia da Literatura e apresentar correntes, buscar fundamentar as bases para pensar em uma análise crítica sociológica. O sociólogo e crítico literário brasileiro nos apresenta mais formas de interpretar sociologicamente as produções no campo da literatura, principalmente para problematizar como a realidade social se apresenta em estrutura literária, e a partir dessa estrutura podemos entender a função social de uma obra (Candido, 2006, p. 9).

Candido propõe que a análise crítica busca mais que estudar os fatos sociais como agentes de uma estrutura, entendendo a literatura como um fato social, mas também visa “a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel” (Candido, 2006, p. 15). Entendemos então, como o processo se constitui em conjunto, com autor, obra e contexto, retomaremos a esse aspecto mais adiante. Como afirma Candido, em uma produção, devemos entender o sentido social simbólico que a história apresenta, representando e revelando as características de um grupo social em determinado período e caracterizando como uma análise profunda quando o aspecto social é encontrado no livro fazendo parte de sua estrutura.

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo (Candido, 2006, p. 16-17).

Como vemos no trecho destacado, o foco da análise não é identificar elementos específicos de um determinado período presentes na obra, como referências diretas, mas compreender como esses aspectos contribuem para a formação e a composição da narrativa, moldando seu significado e estrutura. Quando pensamos na análise desta forma, observamos que os fatores externos à obra se tornam internos, nisso o que era crítica sociológica, apresenta-se como crítica. Destarte, o texto literário integra elementos das estruturas sociais, bem como fatores psicológicos, econômicos, religiosos, entre outros, que juntos contribuem para a complexidade e a profundidade da narrativa. (Candido, 2006, p. 17).

O crítico, em sua análise, pode focar na característica que acrescenta elementos a sua interpretação, superando então o sociologismo crítico (que concentra as explicações

nos fatores sociais) e não o aspecto sociológico nos estudos sobre determinada obra. Situados nas análises literárias de orientação sociológica, Candido apresenta alguns enfoques de estudo possíveis, variando entre mais ou menos tradicionais nas teorias sociológicas (Candido, 2006, p. 17).

A primeira possibilidade está em relacionar um tipo de literatura, seu contexto histórico e gênero literário com determinadas condições sociais. Essa linha encontra uma ordem geral, mas possui dificuldades em relacionar de maneira satisfatória a obra e as condições sociais (Candido, 2006, p. 18-19). Um segundo campo seria dos estudos que visam entender o quando a literatura é uma representação ou espelho social. Uma terceira área de estudo é investigar as ligações entre a obra e o público, seu viés é concentrado apenas na Sociologia.

Ainda com tendência mais sociológica, temos o quarto tipo aplicada a entender a posição e função do autor na sociedade em que vive, relacionada com a obra e seu contexto. Derivando do quarto enfoque, o quinto tipo de análise estuda a função política das obras e autores, geralmente atrelado ao cunho ideológico. Por fim, o sexto modo se concentra no estudo hipotético das origens da literatura e dos gêneros específicos (Candido, 2006, p. 20-21). Mesmo com usos diferentes da Sociologia, de maneira mais intensa ou menos, recorrendo mais a outras áreas ou não, esses seis tipos de estudo nos ajudam a entender como o campo das análises sociológicas se organiza e para que ramos estão se dedicando.

Lembramos novamente que apenas relacionar a obra com os fatores externos é um risco de simplificação do estudo, o objetivo da análise sociológica incide em encontrar, na estrutura do texto literário, como os aportes sociais se apresentam e constituem a narrativa. O fato social pode ser mobilizado para explicar a estrutura da obra, permitindo dois caminhos de análise: compreender como a obra representa a sociedade em que está inserida ou investigar a função social desempenhada por essa produção literária. (Candido, 2006, p. 29). Para a Sociologia moderna, as duas formas conseguem demonstrar que a literatura é social:

depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte (Candido, 2006, p. 30).

Assim, Candido afirma que, a partir dessas colocações, não podemos separar o impacto que uma obra tem em um grupo do seu processo de produção. Isso ocorre porque sociologicamente, a obra acaba de fato com sua atuação no meio social, por ser parte do sistema de comunicação. Compondo parte do sistema comunicativo, é possível dividir em arte da agregação, visando meios comunicativos acessíveis e com o sistema simbólico vigente, e a arte de segregação, que visa renovar o sistema simbólico, tendo um menor consumo pelo menos no início.(Candido, 2006, p. 31-32)

A arte, incluindo a literatura, pode modificar as formas de comunicação e simbologia, com o autor fomentando a diferenciação social. Vemos o movimento mútuo das obras trazendo aspectos da realidade, mas também alterando a mesma (Candido, 2006, p. 34). As produções artísticas não são exclusivamente de iniciativas sociais ou individuais, mas resultam da interação entre indivíduo e sociedade. Esse sistema simbólico de comunicação forma uma tríade indissolúvel que deve ser considerada nas análises sociológicas: as relações entre a obra, o autor e o público (Candido, 2006, p. 47-48).

Neste subcapítulo conhecemos um pouco da Sociologia da Literatura e como podemos construir uma análise sociológica de obras literárias. Com essa base, vamos conciliar juntamente com uma análise do discurso para metodologicamente abordar o romance escolhido. Nosso próximo tópico será então, entender como funciona a análise do discurso para Bakhtin e o círculo, e relacionar com os aportes que já apresentamos da Sociologia da Literatura.

1.2 ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

Para compreender melhor o romance analisado, e buscando identificar quais traços da realidade social do Chipre compõem a estrutura da narrativa literária, iremos recorrer à filosofia de linguagem para compreender quais conceitos temos que considerar para identificar as questões de memória e trauma na obra. Para tal, vamos entender inicialmente o que foi o círculo de Bakhtin e na sequência os conceitos que nos são úteis.

O círculo de Bakhtin é um grupo de intelectuais, de diversas áreas, que se reuniam no início do século XX na Rússia. Ainda há problemas de autoria quanto às obras, pois devido a perseguições políticas e um cenário russo complexo, não há uma certeza sobre os autores de cada produção. Além de manuscritos inacabados, as publicações não seguiram de fato uma linha cronológica, assim como as traduções para outros idiomas.

Entretanto, esses fatores não impedem que estudemos o círculo e utilizemos de suas abordagens em nossa análise (Faraco, 2009, p. 13).

Temos entre esses intelectuais duas grandes iniciativas de estudo. A primeira, direcionada por Bakhtin, propunha-se a realizar uma crítica ao teoreticismo, sendo “as objetificações da historicidade vivida, obtidas pelos processos de abstração típicos da razão teórica.” (Faraco, 2009, p. 16). A segunda proposta, levada adiante por Voloshinov e de Medvedev, visava entender as manifestações da superestrutura nos aportes marxistas. Esse segundo projeto, que teve suas publicações nas décadas de 1920 e 1930, ocupou-se desses fenômenos que até então não haviam recebido destaque. Contribuindo originalmente, o círculo concentrou seus objetivos no papel central da linguagem e filosofia da linguagem.

Entramos, então, na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* publicada em 1929. Como comentamos, um dos objetivos do círculo era compreender a linguagem como uma superestrutura e, partindo disso, os autores nos afirmam que tudo que é ideológico² tem uma significação, ou seja, é um signo, por representar e substituir algo externo a si (Volóchinov, 2017, p. 91-92). Instrumentos não são necessariamente signos, mas podem se transformar em tal se atribuído um significado ideológico além de sua utilidade. Dessa forma, qualquer objeto pode se tornar um signo, ganhando um significado que ultrapassa sua existência.

O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. Onde há signo há também ideologia. Tudo o que é ideológico possui significação signica (Volóchinov, 2017, p. 93).

Os signos não são apenas um pedaço da realidade, eles são compostos por uma parte material da mesma (Volóchinov, 2017, p. 94). Fazendo uma referência ao autor apresentado anteriormente, Candido observa na literatura como as obras não são apenas representações de um contexto social, tendo este como parte de sua estrutura. Com os signos ocorre algo semelhante, pois eles não são apenas uma porção do real, e estão

² A ideologia é explicada no livro *A Ideologia Alemã* de Karl Marx. Ele explica que seria uma falsa consciência da realidade social, criada para perpetuar um sistema de dominação. Para mais informações acesse:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2547009/mod_resource/content/1/MARX%2C%20Karl.%20A%20ideologia%20alem%C3%A3.pdf

presentes no nosso meio material, ou seja, fazem parte da realidade.

Através dos signos a consciência individual se forma, já que a mesma existe a partir de conteúdo ideológico. O processo de formação da consciência ocorre durante as interações sociais, logo, é preciso que os indivíduos se organizem coletivamente para formar o conteúdo ideológico dos signos (Volóchinov, 2017, p. 95). Dessa forma, a consciência se alimenta a partir dos signos e incorpora sua lógica. Então:

A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação sógnica de uma coletividade. Se privarmos a consciência do seu conteúdo sógnico ideológico, não sobrarão absolutamente nada dela. A consciência apenas pode alojar-se em uma imagem, palavra, gesto significativa etc. Fora desse material resta um ato fisiológico puro, não iluminado pela consciência, isto é, não iluminado nem interpretado pelos signos (Volóchinov, 2017, p. 97-98).

A palavra é um signo, colocado pelos autores como um mais puro e representativo. Dotada de conteúdo ideológico, ela não existe sem o mesmo, isso porque sua função é ser um signo, não podendo se manter indiferente ou ser gerada de outra forma. Sendo o meio mais expressivo de comunicação social, ela é um signo neutro, mesmo que ideológico. Isso significa que, diferente de outros signos que adotam um significado ideológico específico, a palavra pode ser utilizada por todas as ideologias (Volóchinov, 2017, p. 99).

Por sua característica de signo neutro, a palavra se tornou parte da vida interior do indivíduo, isso é, o discurso interior na consciência. Então, qualquer manifestação ideológica será compreendida apenas com a participação do discurso interior. Relacionando com a sessão anterior, que comentamos sobre os impactos das obras no meio social, vemos como é mais complexo o processo de interpretação quando adotamos a palavra como um signo interior. Participando ativamente do entendimento de determinada obra, a palavra é carregada de conteúdo ideológico na obra escrita, assim como na vida interior do indivíduo (Volóchinov, 2017, p. 100-101).

A palavra está em todas as interações, de simples a complexos acontecimentos do cotidiano que envolvem o contato social, sendo um indicador sensível das alterações na conjuntura social. Ela pode captar os processos e as trajetórias da mudança, de maneira lenta, no contínuo social (Volóchinov, 2017, p. 106). Essas mudanças e trajetórias ainda podem ser armazenadas pela palavra em registro históricos, como notícias, mensagens e cartas ou/e obras literárias.

Cada momento histórico e grupo social tem seu conjunto de signos para a

comunicação diária, os quais estão dotados de conteúdo ideológico. Os diferentes ambientes da vida cotidiana também podem ter repertórios discursivos diferentes, como conversar com amigos ou responder uma pergunta de um juiz em um tribunal. Como mudamos e alteramos os nossos discursos sugere uma hierarquia na comunidade que utiliza aquelas formas de se comunicar (Volóchinov, 2017, p. 109).

Repertórios discursivos formam gêneros discursivos diferentes para as ações do cotidiano. Todo gênero possui um tema, sendo este a realidade, que se torna objeto do signo. Lembramos que o signo se forma a partir da organização social de um coletivo, qualquer alteração nesse cenário, o signo se altera também.

Um tema ideológico sempre recebe uma ênfase social. É claro que todas essas ênfases sociais dos temas ideológicos penetram também na consciência individual que, como sabemos, é totalmente ideológica. É como se nesse caso elas se tornassem ênfases individuais, pois a consciência individual une-se de tal modo a elas que parecem pertencer-lhe; sua origem, no entanto, encontra-se fora dela. A ênfase, por si só, é interindividual (Volóchinov, 2017, p. 111).

Os temas e os signos estão ligados, gerados a partir do fenômeno ideológico. Ao adentrarmos na consciência individual, podemos refletir sobre os aspectos dos signos entrelaçados à memória, tanto individual quanto coletiva, e como esses elementos influenciam a construção de sentidos e identidades em um determinado contexto social. A origem da consciência é exterior ao indivíduo, assim como a memória de algum acontecimento, por esta também está dotada de signos e ser interpretada pela vida interior do ser.

O signo não está isento dos conflitos que se estruturam na nossa sociedade. No processo de comunicação social, vários grupos e classes sociais podem utilizar dos mesmo signos, isso os transforma em um cenário no qual a luta de classes se apresenta. Com ênfases multidirecionais, se retirado do contexto de disputa social o signo enfraquece, entretanto, quando permanece na relação dialógica, mantém-se como um fator importante para entender a vida social. As contradições de um signo aparecem justamente em momentos de conflitos e revoluções sociais (Volóchinov, 2017, p. 113).

Entendendo como o signo forma a consciência individual e como faz parte da dialética da vida social, podemos entender o psiquismo humano como um signo. Logo, o psiquismo subjetivo deve ser entendido a partir da vivência social em uma “interpretação socioideológica compreensiva.” (Volóchinov, 2017, p. 116). Sem uma significação não existe um signo, assim como não existe a vivência psíquica, o

signo é um único objeto material, mas a significação não é um objeto e não pode ser isolada do signo, como se fosse uma realidade independente e existente fora dele. Portanto, se a vivência possui uma significação, se ela pode ser compreendida e interpretada, isso deve ser feito no material de um signo autêntico, real. (Volóchinov, 2017, p. 120).

O social está atrelado ao individual, o conteúdo do psiquismo individual é ideológico, logo, é social. Um processo inverso também ocorre, os fenômenos ideológicos carregam um aspecto da individualidade de quem os criou. Vemos como a vivência psíquica, signos internos se tornam externos, sendo expressos, assim como signos ideológicos externos são interiorizados. Para entender qualquer signo, não importando se interno ou externo, devemos entender sua conexão com o meio de sua realização, ou seja, a situação social (Volóchinov, 2017, p. 134).

Com isso, vemos que para entender a obra literária e o conflito que estamos tratando, com seu impacto na vida interior do indivíduo, devemos entender sua conexão com a situação de realização. Em seu estudo *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin faz a análise da obra entendendo seu meio de realização. Trabalhando com a metalinguística, Bakhtin afirma que essa área possui o mesmo objeto que a linguística, entretanto a primeira estuda as relações dialógicas, ou seja, as relações do discurso com seu contexto. Ele expressa que para se tornar uma relação dialógica, as relações lógicas-semânticas, do campo da linguística, devem se materializar, isto é, possuir o enunciado com um autor (Bakhtin, 2002, p. 184).

Por meio dessa metodologia, os enunciados formadores de discurso são ligados às relações sociais e o autor. Nisso, não podemos separar, em nosso estudo, os discursos encontrados no romance de seu contexto social, político e econômico. Também não podemos ignorar como os signos são compostos ideologicamente e são formadores do discurso interior, demonstrando-nos como os eventos sociais são parte do psiquismo subjetivo dos indivíduos, permitindo tratar esse tema em uma análise socioideológica.

1.3 MEMÓRIA E MEMÓRIA COLETIVA

O discurso interior e sua relação com o psiquismo subjetivo nos instiga a pensar como os signos são armazenados tanto na memória subjetiva das pessoas, quanto em registros materiais. Os signos interiores se expressam e se exteriorizam no tecido social, constituindo-se como um meio de análise para as mudanças socioeconômicas. Para nos

aprofundar no tema, entenderemos um pouco sobre o conceito de memória e sua relação com a História e as Ciências Sociais.

Desde as primeiras décadas do século XX, diversos pesquisadores nas áreas da História e das Ciências Sociais tem se atentado à dimensão coletiva e aos processos sociais de construção, transmissão e ressignificação da memória. Sociólogos como Maurice Halbwachs, argumentaram que a memória não é apenas uma função individual, mas um fenômeno socialmente construído e moldada pelos grupos sociais aos quais o indivíduo pertence. Halbwachs nos apresenta em seu livro *A memória coletiva* que os testemunhos de outros indivíduos fortalecem ou enfraquecem as lembranças que temos de determinado acontecimento (Halbwachs, 1990, p. 25).

Complementando sua análise, Maurice nos explica como nos apoiamos em nossas lembranças, assim como na dos outros indivíduos, nós não refletimos sozinhos. Nossa memória está ambientada em situações e contextos que envolvem outros indivíduos ou produções antropológicas (língua, cultura, arte, dentre outras). Dessa forma, para lembrar de um acontecimento, devemos fazer parte do grupo que também divide essa lembrança. Apenas o testemunho do grupo não é suficiente, assim como a memória individual também não é. Para ser recordada, a memória coletiva e individual devem manter pontos de contato (Halbwachs, 1990, p. 34).

Com isso, a natureza social está envolta em todas as relações que constroem e orientam nossa memória. Coletivamente, a memória que se destaca em uma comunidade é a que atingiu o maior número de membros e conseqüentemente quando um membro não faz mais parte do grupo, ele perde partes dessa lembrança. Quando somos intimamente ligados a uma sociedade, as memórias condizentes daquela população são mais fáceis e acessíveis a nós. Se a memória coletiva precisa de um conjunto de pessoas para existir e os indivíduos precisam manter o contato no grupo para lembrar, a memória individual seria um ponto de vista da memória daquela sociedade (Halbwachs, 1990, p. 51). Por fim, outro ponto relevante da nossa pesquisa que apresenta Halbwachs (1990, p. 46), é que dois grupos distintos podem dividir uma memória, por conviverem de alguma forma, esse tópico será de grande relevância quando olharmos para o romance escolhido.

Outros autores, a exemplo do historiador Pierre Nora, discutem os contextos de construção dos “lugares de memória”, isto é, lugares físicos (ou não) nos quais a memória se cristaliza diante do risco de desaparecimento. Vemos que mesmo que a memória seja vivenciada no discurso interno do indivíduo, ela conta com elementos externos a ele para

lembrá-lo de sua existência, como um arquivo material ou registro histórico. Para tal, vemos que ele dubla o vivido, conforme afirma Pierre Nora: “O arquivo muda de sentido e de “status” simplesmente por seu peso. Ele não é mais o saldo mais ou menos intencional de uma memória vivida, mas a secreção voluntária e organizada de uma memória perdida.” (Nora, 1993, p. 16).

A memória está ligada à dialética da lembrança e do esquecimento, por vezes inconsciente, vulnerável e suscetível ao seu meio. Ela pode ser apresentada como uma ligação vivida em um “eterno presente”, carregada pelos indivíduos e não enclausurada em um passado. Nora afirma que existem tantas memórias como grupos sociais, sendo ela múltipla, desacelerada, coletiva, plural e individualizada (Nora, 1993, p. 9). Pierre Nora ainda expõe como a história é um exercício regulado da memória e seu aprofundamento para a reconstrução de um passado sem lacunas.

A história, sendo um exercício da memória, consolidou-se como uma ciência voltada a entender o passado. Na vertente positivista, entender e reconstruir essas memórias, principalmente no âmbito do Estado-nação, se liga com a construção da identidade nacional. Ainda nessa corrente, entender o passado é a forma de firmar o presente para alcançar um futuro. Vemos em Nora:

Com a emergência da sociedade no lugar e espaço da Nação, a legitimação pelo passado, portanto pela história, cedeu lugar à legitimação pelo futuro. O passado, só seria possível conhecê-lo e venerá-lo, e a Nação, servi-la; o futuro, é preciso prepará-lo. Os três termos recuperaram sua autonomia. A nação não é mais um combate, mas um dado; a história tornou-se uma ciência social; e a memória um fenômeno puramente privado. A nação-memória terá sido a última encarnação da história-memória. (Nora, 1993, p. 12).

Nesse trecho, observamos haver uma crítica nesse afastamento entre memória e história, levando a primeira a ser reclusa na vida privada. Como afirma Nora, e como vimos acima, a memória, parte do discurso interno, é construída socialmente por meio de interações em uma coletividade. Mesmo que subjetiva, não podemos considerar a mesma como presente apenas na individualidade. Além desta problemática, há outros comentários que podemos fazer a corrente positivista de história que não nos cabe neste trabalho, mas apenas para lembrar que a historiografia já questiona como os saberes históricos são construídos, pensando em seus impactos na devolutiva às comunidades.

Constitui-se então, deste movimento com a história, os lugares de memória. Esses lugares surgem e se perpetuam onde a memória não é espontânea, ou seja, é criada e associada a determinado elemento da realidade, ela é expressa. Forma-se um movimento dicotômico de interiorizar uma memória coletiva e petrificar em um ambiente externo com o trabalho da história. Através deste processo podemos entender a memória como a história, e a necessidade da primeira é em consequência a necessidade da segunda (Nora, 1993, p. 13-14).

Menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que vive através delas. Daí a obsessão pelo arquivo que marca o contemporâneo e que afeta, ao mesmo tempo, a preservação integral de todo o presente e preservação integral de todo o passado. (Nora, 1993, p. 14).

A memória que passa ao arquivo, muda seu fluxo, não parte mais do interior ao exterior. Quando encontra o suporte exterior, ela avança para a interiorização nos demais indivíduos, como uma obrigação particular de cada ser, um dever (Nora, 1993, p. 17). Entretanto, um fluxo não anula o outro, eles são complementares, abrindo espaço para memórias particulares de grupos não dominantes buscarem a sua história.

Logo, temos a necessidade de um espaço com o passado, uma descontinuidade para entender o que é o antes e o agora, que paradoxalmente exige uma reaproximação. Lembramos que se não sabemos o que compõe o passado, uma inquietação transforma tudo em vestígio, tendo a percepção do passado como aquilo que sabemos não ser nosso. Temos a memória arquivada para relembrar, internalizada como um dever e distante para reaproximar (Nora, 1993, p. 18).

Discutindo sobre esse dever de internalizar e a distância para se reaproximar, o sociólogo Michael Pollak fornece algumas ferramentas teórico-conceituais importantes, como, por exemplo, ao discutir a questão dos silêncios e das lembranças traumatizantes. Em seu texto “Memória, Esquecimento, Silêncio”, Pollak discorre sobre como essas memórias traumatizantes são passadas à frente em várias gerações, mas também que um longo silêncio sobre o passado conduz a resistência dessas memórias e dificuldade de sociabilidade e integração com a memória-nação. Além disso, diferentes gerações possuem diferentes abordagens para esses acontecimentos (Pollak, 1989, p. 5).

Em face dessa lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas. E algumas vítimas, que compartilham essa mesma lembrança "comprometedora", preferem, elas também, guardar silêncio. [...] A essas razões políticas do silêncio acrescentam-se aquelas, pessoais, que consistem em querer poupar os filhos de crescer na lembrança das feridas dos pais. (Pollak, 1989, p. 6).

Poupar do passado coloca o indivíduo no estado de inquietação e de disputa com a identidade individual e coletiva. A memória está em disputa, a ideia dominante e a resistência 'clandestina' se confrontam para construir e defender a sua versão dos acontecimentos. Nesse processo podemos ter alterações na forma como olhamos determinado conflito ou pós-conflito. Essas memórias que fazem frente à memória nacional, que se opõem à "mais legítima das memórias coletivas" (Pollak, 1989, p. 8), transmitem-se no âmbito familiar em redes afetivas ou políticas, guardadas em meios de comunicação não formais. Dessa forma, passam despercebidas aos demais de determinada sociedade.

Como vemos em Pollak, temos resultante desse processo o que o autor chama de não ditos, silêncios ou zonas de sombra. Para esses não ditos chegarem ao esquecimento os limites não estão definidos, contendo seu próprio movimento. Sentir-se não ouvido, perpetua os silêncios. O que pode ser dito ou não, ou as fronteiras da memória nacional e uma subterrânea está na imagem que o Estado deseja impor (Pollak, 1989, p. 8). Uma memória do campo do não dito pode passar ao campo público, mas por sua transmissão ocorrer em zonas de sombra, conservar os fatos pode ser um fator de dificuldade.

Ao pensar em memórias coletivas como formadoras das identidades nacionais, entendemos seu papel de definir e reforçar a ideia de pertencimentos a determinado grupo. A construção da memória nacional conta com profissionais e, como abordamos, busca lugares de memória para assentar seu registro. Esse trabalho defendido e imposto por profissionais é um requisito importante para sua expansão e fortalecimento no contexto social. Entretanto, não impede que outras formas de memória sobrevivam e questionem essas colocações futuramente, principalmente com a transmissão de tradições orais, que geram tensões entre a narrativa oficial do passado e as lembranças pessoais (Pollak, 1989, p. 11).

O autor ainda afirma que essas contradições aparecem com frequência em comunidades marcadas por conflitos e guerras civis. No caso que veremos do Chipre,

estudaremos como não é apenas uma identidade nacional fazendo frente a uma versão que resiste nas zonas de sombra, mas um território que existe com identidades nacionais em conflito, que ainda sofre tensões que as memórias subterrâneas de outras comunidades inseridas no Chipre. Frisamos, por fim, que há memórias traumatizantes que buscam se manter no não dito, como resposta a uma violência sofrida anteriormente, e podem ser provocadas por manifestações da memória nacional.

1.4 TRAUMA E TRAUMA GERACIONAL

Na última seção, discutiremos sobre as definições de trauma e trauma geracional, considerando as memórias traumatizantes e os não-ditos que se perpetuam ao longo do tempo e durante gerações. Estamos abordando a categoria trauma, pensando em um evento que afeta uma comunidade, não apenas no aspecto individual. Considerando que o discurso interior é formado por signos externos, veremos o trauma como o resultado de conflitos que marcaram uma sociedade. Como afirma Silva, mesmo considerando o momento 'pós' conflito, os acontecimentos têm reflexos no presente, eles nos seguem (Silva, 2002, p. 136).

O trauma se tornou uma questão central na psicanálise, principalmente com a dedicação de Freud sobre o tema, logo após a Primeira Guerra Mundial. Mesmo nunca tendo sintetizado a teoria do trauma, o século XX foi marcado por diversos conflitos que fizeram os estudiosos se voltarem a esse tema. Identificaram, por exemplo, que um trauma não afeta somente a vítima, mas também seus filhos e netos, ou também que ele funciona como uma espécie de ataque exterior à psique interna (Bohleber, 2007, p. 155).

Em decorrência de eventos traumáticos podemos ter reações como as amnésias psicogênicas, mas não é tão frequente. O que Freud analisa no início do século XX é que as recordações de traumas são muito detalhadas e constantes, mesmo sujeitas a enganos e esquecimentos. O autor irá descrevê-lo como uma infiltração, uma espécie de corpo estranho que passa a habitar o interno, e que, paradoxalmente, é sempre revivido (Bohleber, 2007, p. 164). Dessa forma, os indivíduos que passam por tal, repetem a situação traumática em sua psique, em sonho, por exemplo, como se estivesse naquele momento, uma fixação psíquica no momento de ruptura (Silva, 2002, p. 134).

Em estudos com os sobreviventes dos campos de concentração nazistas, vemos em Niederland o conceito de 'síndrome do sobrevivente', "uma situação crônica e angústia e depressão", marcada pela culpa de ter sobrevivido e dificuldade de verbalizar o

trauma. Em Bohleber, temos que a assimilação deste trauma ultrapassou a geração que o viveu, principalmente nas famílias que os pais tentaram proteger as gerações seguintes negando e recusando abordar a situação traumática, os descendentes obtiveram os fatos inconscientemente (Silva, 2002, p. 140-141).

Podemos discutir sobre sociedades que são inteiras traumatizadas por conta de conflitos que se expressaram na construção da memória coletiva, sofrendo um bloqueio no processo do luto (Silva, 2002, p. 143). O trauma na contemporaneidade é abordado por diferentes estudiosos que visam contribuir ou questionar as colocações anteriores, em nosso estudo selecionamos as abordagens que apresentam uma ligação com a obra que trabalharemos futuramente, por isso, não temos a intenção de discorrer sobre as diversas linhas de pesquisa sobre o tema.

Nos interessa entender a relação do trauma com as gerações futuras e como uma presença na memória coletiva de sociedades que passaram por algum acontecimento do tipo. “O silêncio a respeito da própria participação e das lacunas nas biografias familiares gerou nos filhos um sentimento de realidade nebuloso e parcialmente distorcido.” (Bohleber, 2007, p. 171). Nos cabe comentar que os silêncios podem ser oriundos de uma culpa por uma memória de sofrimento, a sensação de que não pode ser ouvido ou um medo de repetição daquela violência.

Como último ponto abordado nesse capítulo, precisamos comentar sobre a relação do trauma com a literatura, que está na possibilidade de ultrapassar esses limites da realidade e encenar essa criação do ‘real’. A literatura se materializa nos testemunhos, apresentando um modo diferente de se relacionar com o passado (Silva, 2002, p. 150). Esse cunho testemunhal é, como já expressamos, mais que uma representação da realidade, mas é incorporado na estrutura da obra.

Esse capítulo visou apresentar, sem esgotar nenhum destes conceitos, abordagens que nos serão úteis na análise da obra escolhida. Buscamos relacionar a Sociologia da Literatura, com a filosofia da linguagem, os conceitos de memória e trauma para podermos compreender a densidade dos conteúdos expressos em *A Ilha das Árvores Perdidas*. Ainda pensando em construir uma base para pensar o romance, iremos ao próximo capítulo entender o contexto histórico e a conjuntura atual do Chipre.

2 CONFLITOS E NACIONALISMO NO CHIPRE

Neste capítulo, nos propomos a discutir, a partir de revisão bibliográfica, os contextos históricos, políticos e culturais dos conflitos étnicos no Chipre. Como veremos, antes mesmo de sua independência em 1960, o Chipre apresentava situações de violência étnica, intervenção externa, atuação internacional e profundas mudanças na vivência social dos cipriotas em curtos períodos. Portanto, para melhor compreender o cenário que o romance analisado está ambientado, a contextualização dos conflitos étnicos e do nacionalismo no Chipre nos ajudará a identificar quais estruturas sociais que se apresentam na ilha foram ressignificadas na estrutura literária do livro, como vimos no capítulo anterior.

Dessa forma, delimitamos tópicos principais a serem expostos neste estudo, uma vez que apresentar toda a história de formação política, cultural e social do Chipre não é nosso objetivo, tampouco seria viável em um trabalho deste escopo. Abordaremos os aspectos centrais da formação étnica da ilha, com ênfase, sobretudo, no Chipre dos séculos XIX e XX, período em que os conflitos se intensificam. Este recorte temporal foi escolhido também devido à significativa intervenção internacional na ilha, especialmente por parte da Inglaterra, da Grécia e da Turquia.

Veremos que a divisão entre greco-cipriotas e turco-cipriotas se acentua por participação destes atores internacionais, levando a formação de grupos violentos como a EOKA (Ethniki Organosis Kypriou Agoniston, ou, em português, Organização Nacional de Combatentes Cipriotas) que discorreremos posteriormente. Além de outros Estados intervindo no território cipriota, não podemos ignorar a presença e influência da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização do Tratado Atlântico Norte (Otan). Inclusive o Brasil foi um participante importante na Missão de Paz no Chipre.

Em uma segunda seção deste capítulo, iremos apresentar como podemos entender o conceito de nacionalismo, como ele se constrói no contexto de Estado-Nações e como podemos observar esse fenômeno no Chipre, em que dois nacionalismos habitam o mesmo Estado-Nação. Esse processo, perpassado por violência, apresenta um contexto de limpeza étnica na ilha, causando impactos diretos na formação das identidades individuais e sociais. Poderemos entender como a formação do psiquismo interior e da memória coletiva pode ser bruscamente impactada pelo conflito cipriota.

Por fim, considerando que estamos tratando de literatura, gostaríamos de abordar outras referências culturais com a ilha como cenário. Isso se justifica pelo fato de termos

escolhido para nossa análise um romance de uma autora turco-britânica, mas reconhecermos a existência de outras manifestações culturais cipriotas que apresentam diferentes perspectivas e abordagens sobre o conflito. Dessa forma, deixamos em aberto possibilidades para novas análises e interpretações sobre a ilha, que podem ser exploradas em estudos futuros.

2.1 FORMAÇÃO MULTICULTURAL CIPRIOTA E O DESDOBRAMENTO DO CONFLITO

Nosso primeiro objetivo nessa seção é discutir, a partir de revisão bibliográfica, a formação multicultural cipriota, que no século XX será o plano de fundo para o conflito étnico. Convém tratar, ainda que brevemente, de processos históricos em longa duração, por estarem relacionados aos contextos de ocupação do território cipriota. Conforme a historiografia, por volta de 1400 a.e.c. os gregos chegaram à Ilha a partir da Ásia Menor e Mar Egeu, e já no século IX a.e.c. a ilha tinha o idioma grego como principal entre os habitantes do território. Além de ocupações persas e fenícias, que foram influentes no processo de formação cultural, em 58 a.e.c a ilha fica sob controle romano, mais tarde sendo parte do Império Romano Oriental, onde os habitantes se tornam majoritariamente cristãos (Dodd, 2010, p. 1).

A partir do século XII, especificamente em 1192, a ilha fica sob domínio de uma linhagem católica francesa, conhecida como Lusignan. A população teve dificuldades para se manter durante esse domínio, já que a Igreja Ortodoxa por pouco não sobreviveu. Devido à sua localização no mediterrâneo, a ilha também foi dominada por genoveses e venezianos até 1571 (Dodd, 2010, p. 1).

No final do século XVI, os otomanos tomaram o controle político do Chipre, iniciando mais um processo de colonização. Pessoas turcas foram enviadas à ilha, chegando a representar um quarto dos habitantes em 1640. Por três séculos o domínio otomano perseverou na região, até que no início do século XIX o governo começou a demonstrar traços de ineficiência e corrupção, no contexto de crise do Império Turco-Otomano, somados a pressões europeias para um melhor tratamento à população cristã. O autor Clement Dodd afirma que os cristãos não eram tratados violentamente, mas vistos como inferiores. Sofreram mais repressões quando começaram a apresentar ideias nacionalistas greco-cipriotas (Dodd, 2010, p. 1-2).

Tantas invasões e troca de poderes políticos na ilha se dão tanto pelo seu caráter territorial estratégico no comércio marítimo, quanto pelas suas reservas de cobre, fator

que designará o nome da ilha, já que Chipre vem do Latim *cuprum*, significativo de cobre. Entendendo esse fator de importância comercial da ilha, o governo Turco-Otomano cede a administração da ilha à Inglaterra em 1878 em troca de ajuda diplomática contra a Rússia, principalmente para a assistência material (Dodd, 2010, p. 3). Lembramos que nesse período ocorria a Guerra Turco-Russa pelo acesso ao mar mediterrâneo e outras regiões como Romênia, Sérvia e Montenegro que estavam sob domínio Turco-Otomano, assim como a Bulgária, cuja unificação ocorreu posteriormente.

A Inglaterra também possuía interesse no território cipriota, visando defender a rota do Mediterrâneo pelo canal do Suez para a Índia e Extremo Oriente³ (Dodd, 2010, p. 3). Dessa maneira, assumir a administração da Ilha nesse acordo com o Império Turco-Otomano, marca a presença britânica na região. Mesmo que não fosse o verdadeiro interesse Turco-otomano que a Inglaterra assumisse a administração, foi a opção vista como mais favorável naquele momento para manter o Chipre próximo a seu poder e objetivos.

Apresentando esse cenário, podemos entender o quão diversificada se tornou as referências e influências culturais no território cipriota. Essa diversidade deriva das diversas ocupações ao longo do tempo, e deu origem às comunidades greco-cipriotas e turco-cipriotas que resultaram dos processos de colonização mais intensos na região. Quando a Inglaterra assumiu o controle político do Chipre, a comunidade greco-cipriota estava bem organizada politicamente por meio da Igreja, já com a consciência nacional bem estruturada. Visavam como grupo que a Inglaterra entendesse sua vontade de governar a ilha e a união da mesma ao controle político grego. A comunidade era fortemente influenciada pelo nacionalismo grego, *Megali idea*, que visava a unificação dos territórios gregos com a capital em Constantinopla (Dodd, 2010, p. 3).

Até 1914, a Inglaterra ainda era obrigada a devolver o controle da Ilha ao Império Turco-Otomano, por isso as demandas greco-cipriotas foram escanteadas. Também existiam os turco-cipriotas que faziam pressão sobre a administração inglesa. Entretanto, após esse período, o Chipre foi anexado pelo Império Britânico. A população greco-cipriota não tinha interesse em criar um nacionalismo cipriota, mas sim dar andamento à proposta de unificação com a Grécia, processo que ficou conhecido como Enosis (Dodd, 2010, p. 4).

O Império Britânico se aproximou da Grécia visando o controle do Mar

³ Nas obras de Edward Said já vemos críticas ao termo oriente. Em seu livro *O orientalismo* notamos como esse conceito foi construído por uma visão eurocêntrica do que seria a região.

Mediterrâneo central, e, quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Inglaterra anexou de vez a ilha no momento em que o Império Turco-Otomano se envolveu no conflito. Esses dois acontecimentos aumentaram as esperanças dos habitantes greco-cipriotas. Após a guerra, o governo turco não tinha força política para assumir novamente o poder político na ilha, ainda assim o primeiro-ministro grego Elefthérios Venizelos declarou que não era o momento para debater e aplicar a Enosis.

Com essa declaração, ele visava não abalar as relações diplomáticas com a Inglaterra, que continha opiniões divididas sobre o Chipre. Houve também um alto êxodo de gregos da Ásia menor após a vitória turca em 1922, levando os greco-cipriotas a acreditar que estar sob domínio britânico era o melhor naquele momento. Analisando o cenário, a Inglaterra pronunciou que a questão cipriota não deveria ser discutida e em 1925 o Chipre foi oficializado como uma colônia britânica. Houve muita resistência por parte dos greco-cipriotas, que recrutando jovens nas escolas gregas na ilha para a defesa da Enosis, apresentaram a proposta oficialmente ao governo britânico em 1929 (Dodd, 2010, p. 6).

Nesse momento a repressão para conter as agitações sociais tomaram forma, proibindo o ensino de história grega e turca nas escolas, assim como os símbolos nacionais referentes a essas culturas. Líderes e partidos políticos foram banidos, o conselho legislativo foi suspenso e a imprensa silenciada sob pena de pesadas multas. Somente na década de 1940 que vemos movimentações políticas por parte das massas voltarem a ocorrer, principalmente com a formação e expansão de partidos e ideais comunistas. Um exemplo foi o AKEL (Partido Progressista do Povo Trabalhador), fundado em 1941. Esse partido combinava um ideário esquerdista com simpatia pela Enosis (Dodd, 2010, p. 7). O partido contou com Ezekias Papaioannou⁴ entre seus fundadores ligado a ideologia de esquerda, entretanto o único membro do AKEL que foi presidente do Chipre até o momento foi Dimitris Christofias⁵.

Na comunidade turco-cipriota já se observa movimentos de resistência e manifestações contra a Enosis desde 1892. Esse movimento de resistir ao avanço grego na ilha constituiu e fortaleceu a ideia de uma identidade turca otomana no Chipre. Mesmo se aproximando do nacionalismo turco, os jovens que fizeram parte deste movimento

⁴ Líder político e comunista que viveu de 1908 a 1988 e atuou como secretário-geral do AKEL por mais de 30 anos. Para mais informações acesse: <https://akel.org.cy/>

⁵ Ele viveu de 1946 a 2019, concretizando seu mandato como presidente do Chipre de 2008 a 2013, também atuou como secretário-geral do AKEL em 1988, sucedendo Ezekias Papaioannou. Saiba mais em: <https://akel.org.cy/>

teciam críticas ao governo otomano (Dodd, 2010, p. 7-8). Enquanto os cipriotas gregos não foram ouvidos pela Grã-Bretanha, os ilhéus turcos estavam em apoio ao governo inglês. No entanto, a partir de 1931 a ameaça da Enosis ganha força, gerando maiores preocupações políticas nos grupos turco-cipriotas.

A Turquia não desejava enfraquecer sua relação com a Inglaterra, embora considerasse que o governo inglês era excessivamente permissivo em relação aos greco-cipriotas. Nesse contexto, observando o fortalecimento da população jovem de turco-cipriotas com bases nacionalistas, mas que também tecia críticas ao governo turco, a Turquia buscou se aproximar dessa comunidade como pôde. Houve oportunidades para que as forças políticas turcas e gregas colaborassem na ilha; entretanto, essas alianças não se concretizaram. Naquele momento, tal cooperação seria prejudicial aos interesses da Inglaterra, que atuou para impedir a realização desses pontos de convergência. O nacionalismo turco consolidou-se mesmo diante da oposição inglesa, enquanto a Enosis, associada ao nacionalismo grego, tornava inviável a proposta de um autogoverno compartilhado.(Dodd, 2010, p. 10-11).

Na Segunda Guerra Mundial, visando manter seu controle sobre o Chipre, a Inglaterra impediu que a Grécia, recém-derrotada, utilizasse a ilha como local de exílio. O conflito se torna cada vez mais internacionalizado, com a Inglaterra, a Grécia e Turquia pensando suas ações para fortalecer seu poder na ilha sem fragilizar as relações diplomáticas com as demais nações. Momentos de tensões vieram durante os anos 1950, isso porque cada um destes Estados queria a prevalência política no Chipre e nas populações locais os nacionalismos se fortaleciam e também buscavam alianças. O nacionalismo grego se fortaleceu expressivamente, com a expansão de seus símbolos marcando as unidades que eram de seu território (Dodd, 2010, p. 13).

Por mais que houvesse resistência em tratar o conflito cipriota no âmbito internacional, a Grécia levou a questão à ONU. Os entraves vieram principalmente da Inglaterra, que afirmava não ter nada sobre o Chipre que precisasse ser discutido internacionalmente. Também houve uma certa surpresa da Turquia ao saber da pauta na Organização Internacional, e esta defendeu as argumentações britânicas em 1954 perante os membros da OI (Dodd, 2010, p. 18). Nessa conjuntura, de iniciativa inglesa, surge o comitê para a tripartite, cujo objetivo era pensar as políticas aplicadas no Chipre consoante aos três estados nações mais envolvidos no conflito, exceto o Chipre. O interesse britânico estava tanto em frear o avanço soviético na região, como em ter poder no mediterrâneo por sua localidade estratégica (Robert Novo, 2010, p. 23).

Esse comitê tornava o autogoverno uma possibilidade ainda mais distante. Enquanto no âmbito internacional se discutia a questão cipriota, no âmbito interno a violência crescia, por parte das duas identidades nacionais que deram bases a movimentos mais violentos e repressivos (Robert Novo, 2010, p. 22). Movimentos violentos como a EOKA ganham força antes mesmo da independência da ilha, e nesse momento do conflito assumem um papel de destaque por suas características.

A EOKA surge como uma resistência ao governo colonial britânico, que nos anos de 1950, não era novidade, já que as resistências aos governos coloniais se iniciam e/ou fortaleceram nesse momento em outras regiões do globo — principalmente na Ásia e na África. Em seus primórdios, não se constituiu como uma força militar, mas sim política, apoiando a causa da *Enosis*. Nesse contexto, enfrentou repressão e perseguição por parte da oposição turco-cipriota. As rivalidades entre turco-cipriotas e greco-cipriotas intensificaram-se, principalmente devido aos seus ideários políticos divergentes: a *Enosis* e a independência, respectivamente. Georgios Grivas⁶, fundador deste movimento armado, foi o representante mais marcante do grupo, tendo alinhamentos políticos próximos a Makarios III⁷. Entretanto, outros membros foram importantes ao grupo como Michalis Papapetro que também foi um membro fundador e Nikos Sampson, que foi brevemente presidente do Chipre apoiado pela Junta Grega, que veremos mais adiante. Já Makarios III foi o primeiro presidente do Chipre, que manteve por algum tempo certa união dos dois grupos, entretanto não impediu que as agressões se perpetuassem. (Robert Novo, 2010, p. 19).

Então, simultaneamente, em 1954, enquanto a Grécia levava a pauta do Chipre a ONU, a EOKA se consolida como um grupo paramilitar, nomeado Organização Nacional de Combatentes Cipriotas. Em 1955 os ataques violentos com explosivos iniciaram. A diplomacia com ingleses e gregos não se apresentava mais como uma opção para alcançar as pautas que o grupo almejava, este foi se radicalizando cada vez mais. De certo houve resposta dos turco-cipriotas, mas por constituírem uma minoria no território, as ações da EOKA causavam mais impactos (Dodd, 2010, p. 63).

O grupo paramilitar não teve o apoio de todo Chipre, assim como não obteve o

⁶ Militar e líder nacionalista que viveu de 1898 a 1974. Sua figura divide opiniões no Chipre, entre herói nacionalista ou repressor violento. Para mais informações: <https://www.britannica.com/search?query=Georgios+Grivas+>

⁷ Michaíl Christodulu Mùskos se tornou o arcebispo Makarios III da Igreja Ortodoxa do Chipre, após o falecimento de seu antecessor em 1950. Ele foi o primeiro presidente da República do Chipre, ficando à frente do cargo de agosto de 1960 a julho de 1974 e de dezembro de 1974 a agosto de 1977. Esse intervalo de tempo ocorreu devido a um golpe de Estado em julho de 1974 e a invasão da Turquia. Makarios III faleceu em 1977.

apoio de todos os greco-cipriotas. O partido comunista AKEL fez oposição às atitudes da EOKA e se tornou um alvo. Ambos os grupos defendiam a *Enosis*, porém, para a EOKA, assassinatos e atentados eram considerados meios legítimos para alcançar esse objetivo, postura que era veementemente contestada pelo AKEL. Como princípios, a organização de combatentes cipriotas mantinha laços com o nacionalismo, a igreja cipriota e o anticomunismo (Dodd, 2010, p. 64-65). Significava não apenas uma luta contra o colonialismo britânico, mas também uma luta pelo controle político do Chipre.

As pressões na ilha se consolidaram de vários lados ao longo da década de 1950. Temos, nesse contexto, a força colonial britânica, um grupo paramilitar greco-cipriota, um partido comunista greco-cipriota, uma minoria de resistência turco-cipriota e a interferência da Grécia e da Turquia em alianças e estratégias midiáticas, além da pauta levada à Organização das Nações Unidas. Observa-se, assim, um cenário marcado pela fragmentação das forças políticas, que se reorganizam de diversas formas e continuam a influenciar a dinâmica do país no período pós-independência (Dodd, 2010, p. 34).

O processo de independência da ilha é fruto de diversas negociações e debates. Em 1959, representantes ingleses, turcos, gregos, greco-cipriotas e turco-cipriotas assinaram os Acordos de Zurique e Londres, que previa os pressupostos para a independência e a garantia dos direitos as duas comunidades. Nesses acordos também se definiu a manutenção das bases britânicas no território cipriota. Makarios III, até então representante político no Chipre, aceitou a independência em 1960, vendo que o plano Macmillan seria aprovado, este que delimitava áreas de ocupação turca e grega na ilha, um controle territorial disputado principalmente entre Turquia e EOKA (Dodd, 2010, p. 34).

Definido o território cipriota, as bases militares britânicas continuavam sob domínio inglês. O objetivo do tratado que preconizou a independência era assegurar à ilha no Mediterrâneo seu domínio territorial e de segurança nacional, assim como o poder de decisão sobre seus artigos constitucionais e formas de representação grega e turca (Dodd, 2010, p. 41). Entretanto, o acordo deixou brecha para que os Estados que intervenham e atuavam politicamente no Chipre, voltarem a atuar no território caso julgassem necessário. Juntamente nessa tratativa vinha a proibição de ingressar a qualquer união ou bloco com outras nações.

Após a independência tivemos o processo de formação política constitucional da ilha:

The Constitution provided for a presidential system, the President being elected by the Greek Cypriot, and the Vice-President by the Turkish Cypriot communities Each had a veto on decisions relating to foreign affairs,

defence and security in the Council of Ministers. The Council was composed of seven Greek and three Turkish Cypriot members. In the elected House of Representatives the Greek Cypriots had 35 and the Turkish Cypriots 15 members. They were elected on separate, communal, electoral rolls. Membership of the civil service was to be similarly divided. Legislation was by simple majority, but laws and decisions on elections, finance and municipalities had to be approved by each community group (Dodd, 2010, p. 42).

Porém, mesmo definido constitucionalmente que a ilha seria uma federação, ideais contraditórios ascenderam à antiga disputa entre gregos e turcos no Chipre. Isso porque os greco-cipriotas visavam a unificação do território, ainda com base na enosis, enquanto turco-cipriotas buscavam a divisão do mesmo em dois Estados diferentes (Dodd, 2010, p. 43). Devemos lembrar que a Turquia, não apoiava até então a divisão territorial na ilha. Makarios III tentou flexibilizar as jurisdições de representatividade municipal para os turco-cipriotas, que estavam distribuídos no território, visando atender as demandas políticas deste grupo.

Os desentendimentos com base na constituição e formação política da ilha alertou a Inglaterra, preocupada com suas bases militares. Outro fator importante que colocou o Chipre no destaque inglês, foi a aproximação de Makarios III com a União Soviética e o AKEL. A URSS estava aparentemente em favor da Enosis, e apoiou o líder político cipriota na ONU a respeito desta pauta, mas seus interesses eram superficiais em relação à união do Chipre com a Grécia. As preocupações do ocidente se consolidaram, quando a URSS forneceu armamentos à ilha (Dodd, 2010, p. 48). Quando Makarios III anunciou em 1963, sem consultar o vice-presidente turco, as reformas constitucionais no Chipre, os Estados Unidos e Grã-Bretanha ficaram alarmados com uma possível entrada socialista no país.

Makarios III tentou uma nova proposta de representação política na Ilha, que foi rejeitada pela comunidade turco-cipriota, assim como a Enosis. A tensão que a formação constitucional implementou, se fortaleceu com as propostas do presidente Makarios III. As pressões da imprensa, principalmente turca, alertaram para os caminhos que a ilha se direcionava e ao fundo de todo esse cenário, a violência e os ataques continuavam. A disputa, que parecia ser por uma constituição representativa, resultou no agravamento do conflito armado (Dodd, 2010, p. 51).

Meanwhile in Cyprus, after Makarios's constitutional proposals, tension had been building up between the two sides, who had been stockpiling armaments since Zurich. On 21 December 1963, fighting broke out in the

Turkish Cypriot part of Nicosia, which quickly led to an all-out attempt by the Greek Cypriots to subdue the Turkish Cypriot community and force them into submission. There was also heavy fighting in Nicosia, and in Larnaca. The violence was sparked off by an incident on 21 December when Greek Cypriot police, official or not, killed two Turkish Cypriots in a quarrel after the police had stopped a car in which they were travelling and asked for identity cards, which the Turkish Cypriots refused to show (Dodd, 2010, p. 51).

Acontecimentos como este possuem múltiplas versões, que podem ser consideradas “oficiais” dependendo do grupo que as relata. Determinar se os indivíduos envolvidos eram pessoas violentas que representavam algum risco ou apenas viajantes que resistiram à violência policial depende da perspectiva de quem conta a história. Embora seja inegável que a violência contra os turco-cipriotas aumentou em 1963, as forças opositoras à ideia de divisão da ilha não compreenderam que a separação territorial foi articulada como uma política de resposta às violências sofridas, e não como uma proposta inicial. Os cidadãos de identidade étnica turca no Chipre sabiam que não seria possível a separação sem o apoio militar da Turquia (Dodd, 2010, p. 53).

The intervention of British troops, which began on 27 December, led to the establishment of a manned permanent cease-fire line, the Green Line, between the Turkish and Greek Cypriot areas of Nicosia. It was clear by now that the Greek Cypriots were engaged on an all-out attack on the Turkish Cypriots (Dodd, 2010, p. 53).

Em 1964, Makarios III anunciou que o tratado de 1960 foi revogado, levando a Inglaterra a se organizar militarmente para intervir no poder político cipriota, com apoio da Turquia. A rápida movimentação fez Makarios III retirar seu pronunciamento. O governo britânico, compreendendo que o Chipre precisava de uma solução política, e para evitar envolver novamente os organismos internacionais como a ONU, levou à realização de uma conferência em Londres para pensar como lidar com o conflito político e étnico cipriota. Nessa reunião, abordou-se o tema de divisão ou unificação da ilha e sobre a destinação de territórios a algumas comunidades. A pauta foi iniciada, até pelo receio de invasão turca, mas não houvera conclusões sobre como seguiria a política territorial para gregos e turcos ilhéus (Dodd, 2010, p. 58).

Com as agressões e perseguições aumentando, a Inglaterra iniciou uma tentativa para a formação de uma missão de Paz no Chipre. Inicialmente seria uma missão no encargo da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte). A primeira proposta foi recusada e outras, como compor uma missão com os países membros da OTAN,

seguiram sendo pautadas. Para o governo britânico, era importante pensar em um grupo para a missão de paz que condissesse com seus objetivos, que nesse momento também era frear o avanço soviético (Dodd, 2010, p. 59).

Chegou-se ao acordo que a ONU deveria liderar a missão de paz. No conselho de segurança, a disputa política sobre unificação ou divisão se fez presente. Mesmo saindo deste foco posteriormente, a pauta do tratado de 1960, que deixou espaço para outras nações intervirem no Chipre, foi retomada. Conjuntamente, a ONU visava garantir a soberania cipriota frente a outros países que já vinham atuando diretamente em suas políticas. A comunidade greco-cipriota foi escolhida como representante política do governo da federação do Chipre, o que causou agitações e contestações. Ainda em 1964 se inicia a Missão de Paz e foi delimitada a linha verde, que dividia o Chipre em norte e sul, sendo uma zona militarizada de 180 quilômetros (Dodd, 2010, p. 63).

A United Nations Peace Force was established, but in consultation not only with the Guarantor Powers, but also with Cyprus. It did not have the ultimate responsibility for restoring law and order, since that was given to the Government of Cyprus. Also a mediator was to be appointed by the Secretary-General in consultation with the Guarantor Powers and Cyprus to recommend a solution for an agreed settlement of the problem (Dodd, 2010, p. 63).

Houve um desapontamento por parte dos greco-cipriotas em relação ao envolvimento das Nações Unidas, uma vez que, no início, imaginaram que o projeto respeitaria a soberania da ilha. No entanto, ao se discutir a divisão do território, perceberam que isso não garantiria tal soberania. Na discussão no Conselho de Segurança, existiam dois diagnósticos sobre o Chipre: o primeiro defendia que a missão de paz deveria concentrar-se nos problemas internos, como a unidade territorial e a implementação de uma política independente. Por um lado, outro grupo, composto principalmente por países de influência soviética, afirmavam que o debate deveria abordar o caráter interestatal do conflito, isso é a dificuldade que o país de formar sua política por conta de intervenções externas (AKSU, 2003, p. 135).

O primeiro diagnóstico foi prevalente, sendo defendido com base no argumento de que era necessário restaurar a paz no Chipre para garantir a estabilidade no Mediterrâneo. O bloco soviético reforçou que a soberania do Chipre deveria ser respeitada e reforçada (AKSU, 2003, p. 137), apoiando a não intervenção. Os direitos humanos foram um tema secundário nas discussões, mesmo com o aumento da violência, a preocupação era em discutir a soberania do Chipre e se a missão deveria

focar nos problemas intra ou inter estatais. Com a decisão tomada visando defender a paz internacional, a missão de paz da ONU foi aprovada em março de 1964.

Nomeada UNFICYP (United Nations Peacekeeping Force in Cyprus), contava com objetivos sem planos de ação definidos de como seria feito para parar a luta armada e quais seriam os padrões de ordem e formação de leis que seriam adotados. A operação focalizou seus esforços principalmente na negociação e não no uso da força nas suas atividades, que acabaram saindo bastante do âmbito exclusivamente militar.

Whereas the former included mainly military objectives, the latter roughly corresponded to the Force's non-military tasks, such as ensuring freedom of movement throughout the island; eliminating economic restrictions against the Turkish Cypriots; preventing the 'separate' economic development of the two communities; administering the public services; reopening schools and industries; finding land records; getting the judicial system to function normally; facilitating agricultural activities; opening up local and export markets; and supporting human rights (AKSU, 2003, p. 144).

A UNFICYP assumiu duas funções que são tradicionalmente governamentais de cada país: a proteção física dos civis e a prestação de serviços públicos. Ainda vigente até o momento que compomos essa pesquisa, a missão de paz no Chipre passou pelas quatro fases de operação da ONU: *peace making*, *peace enforcement*, *peace building* e *peacekeeping*⁸. Esses termos acabam denotando hoje atividades diferentes realizadas nas operações de paz, dentre elas o Chipre se encontra em *peacekeeping*. A missão tem alguns resultados significativos, entretanto o cenário se altera novamente em 1974 (AKSU, 2003, p. 146).

O período de 1968 até 1974 é marcado por negociações entre Grécia, Turquia, Makarios III e turco-cipriotas. A oposição a Makarios III têm início quando a Junta Grega⁹, juntamente com a EOKA-B¹⁰, percebem que o líder grego não tem compromisso de fato com a Enosis, mesmo que afirmado publicamente. Os turco-cipriotas se preocuparam principalmente com o fator econômico e a segurança de seus cidadãos, abalados pelas relações com o líder grego. Em 1974 a Junta Grega, sendo um grupo de pressão no

⁸ Essas 4 nomenclaturas representaram as 4 fases de pensar as missões de paz. As abordagens de um determinado conflito, assim como os objetivos das intervenções da ONU, foram mudando ao longo dos anos, alinhados a essas nomenclaturas, que possuem vieses diferentes sobre manter, impor, fazer e construir a paz. Atualmente os termos podem ser utilizados como sinônimos em algumas situações, mas em suas significações contém algumas diferenças. Para mais informações acesse: <https://peacekeeping.un.org/en/terminology>.

⁹ Governo militar na Grécia de 1967 a 1974. Apoiaram o golpe contra o presidente Makarios III e a enosis, entretanto o golpe fracassou com a invasão da Turquia.

¹⁰ Termo utilizado para designar o grupo paramilitar nacionalista grego após a independência do Chipre.

governo que apoia fortemente a união com a Grécia, decide derrubar o até então representante político do Chipre (Dodd, 2010, p. 101).

As forças políticas gregas cipriotas estavam bem fragmentadas nesse momento, representadas principalmente pela Junta Grega, EOKA-B, AKEL e favoráveis a Makarios III, principalmente pelo apoio popular. Os Estados Unidos haviam dado certas garantias a Makarios III de que ele permaneceria no poder, mesmo diante das fortes pressões dos grupos enosistas. No entanto, quando perceberam que manter sua presença política no Chipre significava preservar sua influência no Mediterrâneo, especialmente frente ao avanço soviético, a postura americana foi revista. Foi considerada a possibilidade de uma cúpula em favor da retirada do presidente grego, mas logo dissolvida com o receio de uma invasão turca (Dodd, 2010, p. 104).

Houve a remoção de Makarios III do poder em julho de 1974 para a ascensão de Nikos Sampson¹¹ e Henry Kissinger¹², com o apoio estadunidense, embora houvesse oposição por parte da Inglaterra, que tentou restabelecer Makarios III em seu cargo político. No entanto, a Inglaterra não possuía influência suficiente para concretizar esse objetivo. Preocupados em não alarmar a Turquia, sugeriram não declarar Enosis ou utilizar tais termos, visando evitar uma outra intervenção militar no país. Todos esses anos foram marcados pelo conflito armado, que não cessou com um representante político pró-enosis no poder (Dodd, 2010, p. 109).

A Turquia, ainda que pega de surpresa pela substituição e pela ameaça da Enosis tão eminente, notou para seus parâmetros que algo deveria ser feito, então recorreu ao acordo de 1960. Nesse acordo, como abordamos, os países que faziam parte do tratado poderiam intervir política e militarmente no Chipre caso percebessem a necessidade. Houve apoio nacional turco à causa que se originou principalmente ao notar a participação dos Estados Unidos na substituição do líder político cipriota, então a intervenção militar e divisão do Chipre em dois Estados nacionais era um objetivo turco a se concretizar (Dodd, 2010, p. 110).

Quando a Turquia invadiu o Chipre em 20 de julho 1974, suas tropas cruzaram com os grupos greco-cipriotas envolvidos na luta armada na ilha, e tinham um longo caminho a

¹¹ Sampson (1935–2001) foi combatente da EOKA-B e participou do golpe de estado que retirou Makarios III do poder. Seu governo durou 8 dias até a invasão turca. Saiba mais em:

<https://www.britannica.com/search?query=Nikos+Sampson>

¹² Secretário dos Estados Unidos, Henry Kissinger foi representante político dos EUA no Chipre que atuou ativamente na administração da ilha em 1974. Sua atuação foi vista como em favor da Turquia, fomentando mais as fragmentações políticas cipriotas. Disponível em:

<https://www.britannica.com/search?query=Henry+Kissinger>

percorrer da costa até o sul da capital Nicósia que se encontrava parte da comunidade turco-cipriota. No mesmo dia, a ONU se pronunciou sobre o ocorrido, pedindo o cessar-fogo e o respeito à soberania da ilha, assim como a retirada de militares que ultrapassam o acordado em 1960, isso para a Turquia, mas também para a Inglaterra e Grécia. O acordo de cessar-fogo foi assinado às 14 horas do dia seguinte, depois de um difícil trabalho de negociação que estava apenas começando (Dodd, 2010, p. 115).

Como solicitado pelo conselho de segurança da ONU, os governos da Turquia, Grécia e Inglaterra entraram em negociações para restaurar a paz no Chipre. Esse processo deu origem à primeira conferência de Genebra, que aconteceu de 25 a 30 de julho de 1974. Além de confirmar o acordo de cessar-fogo e de retirar os militares que passaram o acordado em 1960, a ONU também solicitou a limitação da área ocupada pela Turquia para que a mesma não se expandisse. A Turquia contra argumentou dizendo estar sobre ataque de gregos e greco-cipriotas, principalmente das milícias¹³ (Dodd, 2010, p. 117).

De 8 a 10 de agosto ocorreu a segunda conferência de Genebra, isso porque a Turquia havia expandido sua área depois da primeira conferência. A Turquia solicitou a evacuação dos greco-cipriotas, envolvidos na luta armada, das áreas que já haviam ocupado e das que pretendiam ocupar, o que certamente não seria uma tarefa fácil de realizar. Para encontrar uma solução, foi proposta a criação de dois governos autônomos na ilha, de forma regional, subordinados a um governo central. No entanto, a proposta turco-cipriota consistia na formação de dois Estados federados distintos.(Dodd, 2010, p. 124).

Foi pensado então em distritos que ficaram sob administração turca independente, ainda que com laços a um governo central. Já na primeira metade da década de 1980, os greco-cipriotas envolvidos nas negociações percebem que duas federações autônomas como propostas na segunda conferência teriam sido mais favoráveis a eles do que a que seria aprovada nos anos seguintes. Isso os levou a acreditar que a invasão de 1974 foi culpa dos Estados Unidos, que não impediu que acontecesse, enfraquecendo os laços diplomáticos entre eles (Dodd, 2010, p. 130).

Em 1984, a República Turca do Norte do Chipre declarou independência, ainda que

¹³ De acordo com Sandra Vidal Nogueira, o termo Milícia refere-se a grupos armados que recorrem à força e impõe o medo em um território para dominar e explorar aquela região e seus recursos. Esses grupos podem ser observados em localidades nas quais o Estado perdeu o controle político efetivo, assim como o monopólio do uso da força. Para mais informações acesse: <https://doi.org/10.55905/oeiv22n9-024>.

sem submeter a voto popular. O presidente cipriota, Rauf Denktas¹⁴, direcionou um pedido ao conselho de segurança solicitando a suspensão da declaração, descrevendo a mesma como nula e legalmente inválida. Em 1985, foi promulgada a primeira constituição do que seria esse Estado turco independente. Três anos mais tarde, o clima das negociações, que pareciam estagnadas, muda completamente para um clima de cooperação e acordo de cessar-fogo (Dodd, 2010, p. 160). Nesse período houve uma sugestão de abrir uma passagem para os dois lados da ilha, isso trouxe de volta algumas tensões.

A Assembleia Geral da ONU lembrou os acordos de 1977 e 1979, em que se decidiu que ambas as comunidades estabeleceriam uma federação bi-comunal e bi-zonal, pensando na união e integração do território. Em 1992, temos uma proposta de solução com detalhes sobre uma soberania bizonal, como igualdade na participação das duas comunidades, assim como colocações sobre a constituição cipriota para um novo Estado em formação, que previa a reintegração dos territórios da ilha. Diferente da década de 1980, essa recomendação tinha a força do conselho de segurança e Assembleia Geral da ONU, então o conflito no Chipre estava em pauta visando sua resolução (Dodd, 2010, p. 170).

Ainda assim, a proposta não avançou como esperado. A partir disso, começaram a ser pensadas medidas para construir a confiança entre os dois lados. Vale ressaltar que foram anos de violência e perseguição mútua, o que fez com que as propostas para uma única federação avançassem lentamente, quando o faziam, principalmente devido ao sentimento de perda envolvido nas negociações com a outra comunidade da ilha. Essas medidas para aumentar a confiança mostraram características importantes que se apresentavam nas negociações (Dodd, 2010, p. 182).

The confidence-building negotiations had shown that the Greek Cypriots would not accept any measures that implied any recognition of the TRNC, and the TRNC any measures that denied it. The TRNC's pariah status was now almost immediately underlined when on 5 July 1994 the European Court of Justice confirmed the Greek Cypriot inspired embargo on the TRNC by requiring Turkish Cypriot exports to EU states to be certified by the Greek Cypriot authorities. (Dodd, 2010, p. 182).

Atualmente, Chipre do Norte é uma república autodeclarada, entretanto não reconhecida internacionalmente. A violência diminuiu consideravelmente e há pontos de

¹⁴ Ele viveu de 1924 a 2012, líder turco-cipriota na década de 1950 e fundador da Organização de Resistência Turca (TMT). Foi também o primeiro presidente do autodeclarado Chipre do Norte. Disponível em: <https://kktcb.org/en/presidency/president/rauf-raif-denktas>

contato entre as duas comunidades, entretanto as negociações sobre a reunificação não avançam tal qual era o esperado pela ONU, que ainda mantém sua missão ativa. O Chipre entrou na União Europeia em 2004, ainda com a capital, Nicósia, dividida. A linha verde, que era uma medida temporária para estancar o conflito, continua vigente e permanece sendo dirigida pela ONU.

Em 2004, também tivemos tentativas de reunificação com uma política bi comunal na ilha, chamado plano Annan, que não chegou a ser concluído. As negociações continuam, os pontos de contato entre os dois lados aumentaram e houveram mais tentativas para a solução do problema cipriota. Até as negociações de 2014, a comunidade turco-cipriota estava mais flexível a negociar do que a greco-cipriota, mas diversos fatores dificultaram o avanço das propostas, como crises políticas e econômicas (Ker-Lindsay, 2015, p. 23). Ainda temos três pontos de difícil negociação na ilha: formação constitucional, território e propriedade e segurança.

Abordado o território, a discussão foi sobre a redução da área para turco-cipriotas, buscando diminuir a quantidade de greco-cipriotas refugiados, o quanto deveria ser destinado a cada comunidade que não é de comum acordo. Abordando o tema da segurança, devemos lembrar que pelo acordo de 1960, Turquia, Grécia e Inglaterra podem intervir militarmente no território cipriota, indo na contramão da soberania do Chipre. Também há o fator de não confiança entre as comunidades, que por mais que as discussões tenham avançado e projetos tenham buscado fortalecer os laços, o passado histórico violento ainda marca as relações diplomáticas (Ker-Lindsay, 2015, p. 27). Sobre a formação constitucional:

For the Greek Cypriots, a bizonal bicomunal federation would be structured around two federal states. One would be predominantly Greek Cypriot. However, it would not be exclusively so. Likewise, the other would probably be predominantly, but not wholly, Turkish Cypriot. Therefore, while the two states may appear to be more or less Greek and Turkish Cypriot, they would not be specifically given a fixed and unchanging ethnic orientation. The Turkish Cypriots take a very different approach. In their view, bizonality and bicomunality are directly linked. As they see it, they cannot have security without having a defined Turkish Cypriot state. Thus, one state will be Greek Cypriot and the other will be Turkish Cypriot (Ker-Lindsay, 2015, p. 24).

As negociações estão ativas, mas por vezes parece não haver de fato um interesse político em reunificar a ilha pelas duas comunidades. A comunidade turco-cipriota demonstra que o objetivo de fato era um Estado Nação independente, ao passo que a

comunidade greco-cipriota não demonstra muito interesse em unificação caso não seja uma nação na qual os turco-cipriotas aceitem os direitos políticos como uma minoria política. A proposta de unificação surge como resposta ao ônus da divisão, incluindo os refugiados gregos no norte da ilha, que foram forçados a se realocar, e o isolamento político e econômico do autodeclarado Chipre do Norte. (Ker-Lindsay, 2015, p. 29).

As iniciativas de entendimento e reconciliação histórica se estruturam ainda que lentamente. A Organização das Nações Unidas tem diversos projetos para reconstruir a memória e confiança na ilha, entre eles o comitê de pessoas desaparecidas¹⁵. Esse projeto visa encontrar os corpos das pessoas que desapareceram e faleceram durante o conflito para permitir que a família possa se despedir corretamente. Ainda pensando em trabalhar a memória nos cidadãos cipriotas, essa iniciativa não categoriza como turca ou grega, justamente evitando reacender antigas rivalidades. O cenário não é de pleno acordo, entretanto as tentativas hoje aplicadas na ilha são de reconstrução das relações marcadas pela violência.

2.2 NACIONALISMO E IDENTIDADE NACIONAL NO CHIPRE

Nessa seção, nosso objetivo é discutir a formação das identidades nacionais no Chipre. O conceito de nacionalismo, por ser polissêmico, ainda suscita muitos debates sobre sua definição, origem e classificação. Nesta etapa, buscaremos entender a formação de dois tipos de nacionalismos em um mesmo território e como esses influenciam as identidades das duas comunidades, são eles, nacionalismo de terra natal e cipriotismos. Vale ressaltar que o conflito foi marcado por afirmações e negações de identidades, o que, por sua vez, contribuiu para o escalonamento da violência.

Benedict Anderson, em seu estudo *Comunidades Imaginadas* (2008), propõe que a nação é uma construção imaginada, uma comunidade limitada e soberana, e que, apesar de seus membros nunca se conhecerem pessoalmente, compartilham a ideia de pertencimento a um mesmo grupo. Segundo Anderson (2008), o nacionalismo surge como uma forma de gerar esse sentimento de comunidade, sendo, portanto, um fenômeno moderno impulsionado pelo advento da imprensa e das mídias de massa, que possibilitaram a disseminação de uma língua comum e a formação de uma "imaginação nacional". Na sua perspectiva, o nacionalismo não é apenas um movimento político, mas sim uma construção cultural que transforma a identidade coletiva, e responsável por

¹⁵ Para mais informações acesse: <https://www.undp.org/cyprus>.

produzir uma sensação de unidade e continuidade no tempo, mesmo que essa comunidade seja, na realidade, fragmentada e fictícia.

Na perspectiva de Anderson (2008), a emergência do nacionalismo nos séculos XVIII e XIX está intimamente ligada ao desenvolvimento de novas formas de comunicação e organização social. A invenção da imprensa, por exemplo, foi crucial para a formação das "comunidades imaginadas", o que permitiu a difusão de línguas nacionais e a criação de um sentimento de pertencimento compartilhado entre pessoas que nunca se encontrariam pessoalmente. Além disso, Anderson observa que as transformações políticas e econômicas desse período, como a ascensão do capitalismo industrial e o enfraquecimento das monarquias absolutistas, contribuíram para a redefinição das fronteiras políticas e culturais, criando a base para a formação dos estados-nação modernos. O nacionalismo, portanto, surge não apenas como uma ideologia de resistência, mas como um produto dessas mudanças estruturais que permitiram a formação de identidades coletivas e soberanas ligadas a territórios específicos, como o reflexo de um desejo de autossuficiência e de controle político.

Entretanto, os nacionalismos que surgiram nas antigas colônias, ou em países que podemos considerar periféricos, tiveram a característica de reafirmar uma identidade nacional e recuperar um passado que foi violentamente silenciado, visando alcançar a independência política. Ao refletirmos sobre a formação desses nacionalismos na periferia, podemos pensar na constituição do Estado a partir da constituição da Nação, uma vez que, em muitos casos, o sentimento de pertencimento nacional é construído pelo próprio Estado. (Guimarães, 2008, p. 148). A formação dos nacionalismos que deu origem aos atuais países centros, oriundos dos impérios coloniais, possuem consequências no cenário internacional contemporâneo, contendo força política suficiente para implementar suas ideologias nas demais localidades, gerando impasses e limitações nos países periféricos que tentam se afirmar no sistema internacional (Guimarães, 2008, p. 157).

Podemos tratar do nacionalismo, a partir destas colocações, como um dilema, tal qual aponta Paulo Cesar Nascimento (2003). O dilema é que, como vimos, em países centro o nacionalismo representou um movimento que tinha como ideologia a superioridade da nação ao qual pertencia, ao passo que nos países periféricos se constituiu a partir da recordação e afirmação de identidades silenciadas pelos impérios coloniais.

Na sua esquematização, Nascimento estabelece uma distinção entre nacionalismo cívico e nacionalismo étnico. A primeira categoria faz referência à concepção política de

cidadania, independentemente de outras distinções sociais como língua, etnia, raça e religião. Nisso, o que torna alguém cidadão seria a “adesão aos princípios políticos da soberania popular e do governo representativo” (Nascimento, 2003, p. 42), sendo inclusivo e democrático em teoria. Em contraponto, o nacionalismo étnico se caracteriza justamente nos fatores de determinação social que diferenciam as sociedades, como, por exemplo, questões culturais, linguísticas ou étnico-raciais¹⁶.

Essa segunda interpretação de nacionalismo é excludente e coletivista, isto é, só é visto como pertencente àquela nação quem se enquadra nas características definidas, levando a proliferação de violências com os demais grupos. Essa classificação foi criticada por sua posição eurocêntrica e em certa medida conservadora (Nascimento, 2003, p. 43), já que o nacionalismo cívico é encontrado principalmente nos países centrais, e o nacionalismo étnico era visto como retrógrado e anti moderno. Entretanto, nem sempre a segunda categoria leva a violência, por vezes pode identificar um grupo que busca resistir a um outra cultura imposta. Também convém frisar que os nacionalismos mudam ao decorrer do tempo, podendo modificar seu perfil político ou, ainda, compatibilizar características presentes em movimentos nacionalistas cívicos e étnicos.

Dessa forma, para abordar o nacionalismo no Chipre, temos que destacar o impacto de fatores nacionais e internacionais para a formação das identidades, assim como entender a diferenciação entre terra natal e ‘cipriotismo’, que não refletem uma mesma conceituação. Terra natal representa uma ligação com os países que fizeram parte da colonização da ilha, Grécia e Turquia (Loizides, 2007, p. 173).

Perceptions of common origin and history with Turkey or Greece have been instrumental in mobilizing each community in favor of competing nationalist projects. At one time or another, both communities in Cyprus have linked their destinies to those of their ethnic cousins outside the island (Loizides, 2007, p. 174).

O nacionalismo grego de terra natal originou-se da ligação com o passado grego helenístico, assim como pela rejeição do colonialismo inglês. A Megali Idea e a Enosis colocam a comunidade grega que habita o Chipre como parte da comunidade cultural da Grécia. Esse movimento contou principalmente com representantes da EOKA-B e da

¹⁶ Termo utilizado não em aportes do racismo científico e sim como uma política de luta e resistência oriunda de um processo histórico violento de limpeza étnica e apagamento. Mais informações em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1352/1295>.

Junta Grega, mas também com personalidade políticas como Michalis Karaolis¹⁷ e Evagoras Pallikarides¹⁸, que se tornaram referências do movimento na década de 1950, ao serem executados por britânicos. O conceito de nacionalidade se associa a definição étnica de identidade nacional (Peristianis, 2006, p. 102), então a identificação para a comunidade grega no Chipre é com uma cultura e identidade política exterior ao território cipriota. Podemos verificar no seguinte relato coletado por Peristianis em sua pesquisa sobre identidades duais no Chipre : “I feel very proud of being Greek Cypriot. Cypriot says nothing. Cyprus has no history of which it could be proud, whereas Greece can be very proud of its struggles.” (Peristianis, 2006, p. 111).

Por outro lado, o nacionalismo turco de terra natal se formou como uma resposta ao nacionalismo grego na ilha, pautado principalmente pela insegurança e no receio de ser marginalizado. As simbologias, isso é, signos usados pela comunidade grega, alertaram a comunidade turca. Vivendo como uma minoria marginalizada, os turcos que habitavam o Chipre se aproximaram ainda mais da Turquia como uma terra natal após a invasão de 1974, onde a mesma forneceu apoio a essa comunidade. Essa ideologia nacionalista defendia a ideia de Taksim, isto é, a divisão territorial da ilha e a união da parte norte com a Turquia. Contou com representantes como Derviş Eroğlu¹⁹ e Osman Örek²⁰ durante o século XX. (Loizides, 2007, p. 175).

In official Turkish discourses, Turkish Cypriots are considered an extension of the people of Turkey, left behind accidentally after the consolidation of national borders at the collapse of the Ottoman Empire, when Cyprus was left in British and southern Anatolia in Turkish hands. In Turkish nationalist discourse, Turkish Cypriots and citizens of Turkey are all “Turks” or “Turkish,” seen as part of the same “national” or “ethnic” group, and Turkish Cypriot culture is constructed as a continuation of Anatolia (Anadolu), which is taken to represent the heart of Turkish culture (Navaro-Yashin, 2006, p. 85).

Contraopondo-se ao nacionalismo de terra natal, surgiu um movimento conhecido

¹⁷ Michalis Karaolis (1933–1956) foi combatente da EOKA . Foi preso em 1955 pelas autoridades coloniais britânicas e assassinado no ano seguinte. <https://www.ktoridesfoundation.org/2017/03/17/remembering-michalakis-karaolis-a-historical-document-by-ai-bert-camus/>

¹⁸ Também combatente da EOKA, Pallikarides viveu de 1938 a 1957, executado por britânicos em 1957 com 19 anos, após ser capturado transportando armas. Acesse: <https://lekythos.library.ucy.ac.cy/handle/10797/4412>

¹⁹ Nasceu em 1938 e foi presidente do Chipre do Norte de 2010 a 2015. Também foi fundador do Partido da Unidade Nacional (UBP), um partido político de direita que defende os interesses da comunidade turco-cipriota. Disponível em: <https://www.britannica.com/search?query=Dervi%C5%9F+Ero%C4%9Flu>

²⁰ Foi um advogado turco-cipriota (1925–1999) que participou das negociações para independência do Chipre. Atuou como ministro da Defesa da República do Chipre e participou da formação do Chipre do Norte. Mais informações em: https://mfa.gov.ct.tr/tr/team_member/osman-orek/

como cipriotismo na década de 1920 (Peristianis, 2006, p. 102), o qual defende que a identidade cipriota deve definir o sentimento de pertencimento na ilha. O objetivo desse movimento é criar laços das comunidades com o Chipre, independente da língua ou etnia, buscando símbolos e tradições compartilhados pelo norte e sul. No cipriotismo a reunificação é o tópico de destaque e algumas características históricas são acentuadas para diferenciá-las dos países ‘terra natal’, como o colonialismo inglês, a formação das instituições políticas cipriotas, a existência de um partido comunista legalizado e o desejo por independência. Essa diferenciação, por mais que seja com elementos distintos, ocorreu nas duas comunidades, visando demonstrar a existência de um passado que caracteriza os ilhéus e diferencia da Grécia ou Turquia (Loizides, 2007, p. 178).

Essa corrente foi defendida principalmente pela esquerda política com partidos como AKEL. Também contou com representantes como o advogado Ioanis Kigalas (1875-1945), que foi membro do Conselho legislativo do Chipre e Panagiotis Stavrinides (1876–1945), educador e ativista, como parte da vanguarda ao pensar na independência como uma proposta melhor que a Enosis na década de 1920. Esse movimento não teve forças para se consolidar como ideologia dominante já no início do século XX, em um contexto marcado pela perseguição pelo império colonial britânico e igreja ortodoxa, predominantemente grega. Notamos que a primeira forma de identificação nacional que discorremos trabalha elementos do nacionalismo étnico, enquanto a segunda se aproxima de um nacionalismo cívico. Lembramos que eles podem coexistir e inclusive conflitar, como demonstra o caso cipriota (Loizides, 2007, p. 178-179).

Após 1982, o cipriotismo perde ainda mais força com a redemocratização da Grécia e a aproximação dos greco-cipriotas com a mesma. A existência e fortalecimento de grupos ultranacionalistas das duas comunidades, apoiados em fatores étnicos, também dificultou o cenário para os que defendiam o cipriotismo, porque mantiveram a lembrança e a vivência da violência interétnica (Loizides, 2007, p. 180). Divididos em terra natal e cipriotismo, temos ainda uma terceira categoria, o nacionalismo greco-cipriota e o nacionalismo turco-cipriota.

Nessa corrente, a afirmação é de que a Grécia tem visões sobre o Chipre que podem não ser condizentes com a realidade. Dessa forma, seria responsabilidade dos greco-cipriotas a construção de sua ideologia e movimentos políticos pensando suas características e necessidades na ilha. Também, no momento em que a ditadura de Papadopoulos se instaurou na Grécia, os greco-cipriotas notaram possuírem mais direitos políticos do que se a Enosis avançasse naquele momento, então pensar em um

nacionalismo para a comunidade grega e ilhéu era uma possibilidade. O próprio Makarios III foi um importante representante nesse movimento, alinhado à Enosis, mas visando a independência política do Chipre nesse contexto (Loizides, 2007, p. 180). Outros nomes como Glafcos Clerides²¹ e Tassos Papadopoulos²² também fizeram parte da administração política da ilha e suas propostas, por mais que em favor da comunidade greco-cipriota, tentaram avançar com a reunificação do Chipre.

O mesmo acontece com a comunidade turco-cipriota, que rejeitou alguns aspectos do nacionalismo turco, mas buscou incorporar o caráter étnico com as especificidades da comunidade na ilha. Dentro os líderes deste movimento, temos Rauf Denktaş, o primeiro presidente da autodeclarado Chipre do Norte; Fazıl Küçük²³ que lutou pelos direitos turco-cipriotas; e Mehmet Ali Talat²⁴, também presidente (mandato de 2005-2010), mas que analisou as propostas para integração da ilha. Esse sentimento de ligação com a terra natal enfraqueceu após a autodeclaração de independência do Chipre do Norte e instauração de uma administração militar turca, reforçados pelo isolamento político e econômico que esse lado da ilha ainda vive (Loizides, 2007, p. 177).

A chegada de imigrantes turcos no Chipre do Norte, demonstrou e reafirmou as diferenças entre os turcos ilhéus e cidadãos turcos. A presença militar turca no norte da ilha acentua esse distanciamento, tanto pelo medo causado nos turcos nascidos no Chipre (Navaro-Yashin, 2006, p. 88-89), quanto pela apropriação indevida de terras e recursos destinados aos soldados da Turquia. Dessa maneira, o nacionalismo turco-cipriota se apresenta como um movimento político que não nega sua origem étnica na Turquia, mas não reconhece a mesma como terra natal.

A entrada do Chipre na União Europeia alavancou principalmente o nacionalismo greco-cipriota, e demonstrou um declínio dos nacionalismos de terra natal e cipriotismo. Os nacionalismos greco-cipriota e turco-cipriota são o que no momento contém mais força política e vemos isso como resultado de uma construção histórica, cultural e política, baseada nas políticas públicas consolidadas (Loizides, 2007, p. 186). Com esse cenário vemos como o conflito e a intervenção internacional tiveram um impacto direto na

²¹ Fundador (1919-2013) e líder do partido de centro-direita, União Democrata (DISY), e presidente da República do Chipre de 1993 a 2003. Mais informações em: <https://www.theguardian.com/world/2013/nov/15/glafcos-clerides>

²² Papadopoulos (1934-2008) foi um político cipriota que serviu como presidente da República de Chipre de 2003 a 2008. Acesse: <https://www.britannica.com/search?query=Tassos+Papadopoulos>

²³ Küçük (1906–1984) foi um líder turco-cipriota e foi o primeiro vice-presidente da República de Chipre após a independência em 1960. Participou da defesa dos direitos e interesses dos turco-cipriotas. Disponível em: <https://www.britannica.com/search?query=Faz%C4%B1l+K%C3%BC%C3%A7%C3%Bck+>

²⁴ Talat nasceu em 1952, sendo um político turco-cipriota que atuou como presidente do Chipre do Norte de 2005 a 2010. Saiba mais em: <https://kktcb.org/en/presidency/president/mehmet-ali-talat>

formação das identidades nacionais, que está baseada na formação e na reafirmação de signos no psiquismo dos indivíduos que ocupam esse território.

Dessa forma, a construção das identidades ocorre de maneira dual, isto é, é possível se identificar exclusivamente como grego, cipriota ou greco-cipriota, ou formar sua identidade nacional adotando simultaneamente mais de uma identidade. O mesmo pode acontecer do lado norte da ilha com turcos, cipriotas e turco-cipriotas. Vemos por esse processo que as identidades estão correlacionadas a uma ideologia política e o que a mesma apresenta como princípios e símbolos (Peristianis, 2006, p. 108). Essa simultaneidade de conceitos e identidades acabam proporcionando fragmentações sociais e políticas que desafiam a formação de uma identidade nacional.

Devemos ressaltar que a mídia nacional e internacional tem um impacto importante nesse conflito de identidades nacionais, principalmente nos momentos de fomentar as diferenças entre gregos e turcos. Em sua pesquisa, Lyndon C.S. Way (2011) demonstra como a mídia do Chipre do Norte, controlada pelas elites que obtém vantagens nas relações com a Turquia, reforçou com notícias e histórias diárias as ideologias nacionais ligadas à terra natal e depois ao cipriotismo turco. Através de seu trabalho, observamos que não é apenas por pronunciamentos políticos que se afirmam os nacionalismos, mas também no contexto 'banal' de vivência cotidiana (Way, 2011, p. 16).

Seu estudo aponta como as estações de rádios dirigidas pelos turco-cipriotas, criadas após a estação nacional da república do Chipre ser dominada pelos greco-cipriotas, utilizavam de notícias sobre esportes, eventos sociais, cultura, cartas de opinião, dentre outros para legitimar uma ideologia política. A pesquisa demonstra não um acordo entre as estações de rádio, mas sim como cada uma usou de meios para reforçar seu alinhamento político (Way, 2011, p. 29). Iremos discorrer no próximo subcapítulo sobre o papel político da mídia e da cultura, mas reforçamos como esses elementos foram essenciais para reafirmar as fragmentações na construção dos nacionalismos, assim como pautar as diferenças.

Um último tópico que nos é relevante comentar sobre a formação de nacionalismos, e principalmente de identidades nacionais, são processos que envolvem indivíduos que migraram da ilha, visando minimizar os impactos violentos do conflito. Russell King e Anastasia Christou sintetizam como uma segunda geração de refugiados buscou entender e se aproximar das suas origens familiares, ou seja, dos elementos culturais referentes à primeira geração de refugiados, sendo estes seus progenitores. Os estudos sobre essa segunda geração, também conhecida como migração de retorno,

fortaleceram-se no começo dos anos 2000, mas já na década de 1990 havia publicações referentes ao tema. Os movimentos de retorno ancestral ou contra-diaspório possuem consideráveis estudos, mas o retorno de segunda geração, contém uma característica específica: o retorno dos 'estrangeiros' ligados ao colonialismo, isto é, das metrópoles ou das colônias. Conforme os autores, podemos notar esse fenômeno inicialmente na Europa durante as três décadas após a Segunda Guerra Mundial (King; Christou, 2010, p. 167).

A curiosidade e o interesse em conhecer mais sobre suas raízes culturais é um fenômeno que se apresenta nesta segunda geração. No entanto, o retorno à comunidade de seus ancestrais pode revelar algumas diferenças culturais advindas do processo de socialização no país que foi destino da migração. Conforme demonstrou a pesquisa de King e Christou (2010), as relações entre os que migraram e tiveram filhos em outros locais com os que permaneceram no país natal demonstram lacunas na identificação, oriundas da adaptação a outra cultura e por vivências distintas. A visita ao país de seus ancestrais/progenitores pode criar laços de semelhanças entre o indivíduo e a comunidade local, assim como pode ressaltar as diferenças culturais e intergeracionais (King; Christou, 2010, p. 171).

Abordamos esse tópico para lembrar que os conflitos civis no Chipre produziram uma massa de refugiados, principalmente na Inglaterra, Grécia, Turquia e países mediterrâneos próximos. Esse processo também nos interessa ao olhar para a formação das identidades fragmentadas, adicionando mais um elemento aos nacionalismos que vimos. A identificação como cipriota, greco-cipriota ou turco-cipriota fica ainda mais difusa quando o indivíduo que está visitando a história de sua comunidade é nascido em outro país devido a um processo de migração.

O objetivo desta discussão que propomos foi de entender os nacionalismos multifacetados ligados ao Chipre, sendo este formado por signos ideológicos que constroem o psiquismo interior e conseqüentemente das memórias e identidades. O contexto é complexo no território cipriota, mas há também elementos exteriores à ilha que compõem o cenário. Assim, movimentos políticos que se alinham a uma identidade nacional dividem espaço na disputa política com outras formas de identificação. Além disso, a história recente do Chipre demonstra como as relações internacionais têm grande relevância nesse fenômeno social²⁵.

²⁵ Recomendação de leitura sobre o tema: Children Constructing Ethnic Identities in Cyprus do autor Spyros Spyrou.

2.3 CULTURA NA FORMAÇÃO DOS NACIONALISMOS E MEMÓRIA COLETIVA

Para complementar essa seção, discutiremos brevemente alguns signos na cultura cipriota que fazem referências diretas ou indiretas aos movimentos nacionalistas no Chipre. Como vimos, os signos são ideológicos e são construtores do psiquismo interno, diretamente ligado à construção da memória coletiva. Dessa forma, discorreremos brevemente sobre algumas manifestações culturais em que podemos observar os temas de identificação nacional ligados a um movimento político ideológico.

Relembramos o que abordamos em nosso primeiro capítulo: as bases da Sociologia da Literatura que busca entender como as estruturas sociais formam a estrutura de uma obra; a formação dos signos e como eles constroem ideologicamente a consciência individual; a dialética da lembrança e do esquecimento da memória; assim como o trauma, construído a partir de uma memória coletiva, afeta a formação de uma identidade pessoal e coletiva. Relacionando os conteúdos apresentados, destacamos como obras literárias e outras narrativas nos apresentam algumas lentes que podemos utilizar para analisar e problematizar as relações sociais e políticas em uma determinada comunidade.

As expressões artísticas compõem uma parte da realidade sociocultural, incluindo em seus contextos elementos do contexto social que estruturam as relações entre os indivíduos. No caso do Chipre, podemos notar as expressões do nacionalismo ou das interferências internacionais em produções artísticas e culturais. Um exemplo interessante que encontramos relacionado ao cipriotismo foi um poema, que depois virou canção, composto por NeSe YaSin, chamado *Love your homeland* em inglês. A poesia, composta em turco, foi rapidamente traduzida ao grego e se tornou uma importante referência aos que se alinhavam a essa forma de identificação nacionalista (Loizides, 2007, p. 179).

*My father says
Love your homeland
My homeland is
Divided into two
which part I should love*

NeSe YaSin (1974)²⁶

²⁶ Disponível em: <https://www.writersunlimited.nl/en/participant/nese-yasin>.

Nesse poema, observamos um exemplo desta crise de identidade ligada à identificação nacional. Trata-se de uma crise coletiva baseada na incerteza acerca das suas origens culturais e laços políticos. A obra, utilizada como hino na corrente cipriotista, expressa essa incerteza não apenas de como se identificar, mas também de viver em uma sociedade dividida em duas. O uso do termo 'homeland' também contrasta com o termo 'motherland' (terra natal) utilizado na primeira forma que apresentamos de nacionalismo no Chipre.

Outro exemplo é o romance *A Watermelon, a Fish and a Bible*²⁷ de Christy Lefteri que conta, mediante diferentes pontos de vista, a invasão da Turquia em 1974. Narrada alternadamente por personagens gregos, turcos e britânicos, o romance busca apresentar diferentes versões de um acontecimento e como as mesmas estão atreladas a uma construção política e social do indivíduo. De forma não linear, os acontecimentos no romance se complementam e contradizem, reforçando como a construção ideológica que o sujeito está envolvido molda as suas interpretações sobre a realidade cultural e política. A autora, filha de cipriotas refugiados na Inglaterra, trabalha ainda que de forma diferente do romance que escolhemos, os limites das fronteiras e das ideologias e o que consegue provocar os indivíduos a superá-las ou enfrentá-las.

Ainda sobre temática, vemos o estudo de Boğaç (2023) sobre as produções cinematográficas e seus públicos. A pesquisa nos mostra como o cinema hollywoodiano era predominante entre o público cipriota até os anos de 1950, e que após esse período o campo se tornou mais heterogêneo, por meio da produção e circulação de filmes nacionais. O autor discorre:

Different ethnic groups shared many aspects of everyday life; in coffee houses, restaurants, home visits, and commerce, such as shopping. Additionally, Turkish and Greek Cypriots socialized during rare social events, such as football matches and wedding ceremonies. Bakshi states that Greek and Turkish communities also had their own religious institutions and spaces for gathering, like churches and mosques; however, in both communities, it was not culturally acceptable for women to go to coffeehouses or restaurants. These places were for men only. In contrast, the findings of this study reveal that the most common and regular interaction between the two communities in Cyprus took place at the cinema during the 1950s, an activity that was, in every sense, for anyone and everyone regardless of gender, economic status, ethnicity, or religion (Boğaç, 2023, p. 1042).

²⁷ Mais informações em: <https://readingthepast.blogspot.com/2010/06/week-in-cyprus.html>.

Conforme Boğaç (2023), o público que frequentava possuía variação de gênero, etnia e classe social, gerando contato entre os gregos e turcos na ilha. Havia poucos cinemas dirigidos por turco-cipriotas, levando os mesmos a pensar em como expandir esse setor. Entretanto, ainda consumiam com greco-cipriotas as produções cinematográficas gregas. O contato pelo cinema contribuiu para a integração de gregos e turcos para outros setores culturais, como, por exemplo, em eventos musicais. Contudo, no final dos anos de 1950 as disputas políticas se acirraram primeiro com a Inglaterra e greco-cipriotas, e depois envolvendo os turco-cipriotas e a Turquia. Nesse processo, intensificaram-se as divisões étnicas, contribuindo para transformações significativas no consumo do audiovisual (Boğaç, 2023, p. 1048).

O cinema se tornou um projeto nacional, por exemplo, para os turco-cipriotas o processo envolveu a presença marcante da Turquia, que viu nessa forma de produção cultural um jeito de expandir e afirmar seu nacionalismo (Boğaç, 2023, p. 1048). Podemos citar alguns exemplos de cineastas que utilizaram do contexto político da ilha em suas obras, como Derviş Zaim²⁸, diretor turco-cipriota que nasceu em 1964, e produziu em 2005 um documentário sobre uma personalidade política que já citamos, chamado *Eleftherios Venizelos: The Making of a Greek Statesman*. Dentre suas produções, encontramos um filme intitulado *Mudança*, produzido em 2011. Esse filme tem uma história semelhante a do romance que escolhemos, sendo um amor proibido no momento mais turbulento do conflito cipriota.

Como um representante do cinema greco-cipriota temos George Filis²⁹, que produziu na década de 1960 e 1970, o que podemos chamar de uma primeira onda de produções cinematográficas voltadas a um projeto nacional. Dentre as suas produções encontramos o documentário *This Is How Cyprus Was Betrayed* (1974), em que a temática principal é a invasão da Turquia e a divisão da ilha, nos seus anos de extrema violência. A maioria de seus trabalhos contém um conteúdo político e cultural significativo sobre a história da ilha, mas podemos encontrar produções focalizadas no amor e liberdade, por exemplo.

Os exemplos que apresentamos são apenas para expor como as produções artísticas, culturais e literárias são parte de um projeto político ideológico e a partir disso nos servem de material para entender determinados contextos. Com esses aportes

²⁸ Entrevista (idioma turco) com o cineasta em: <https://dergipark.org.tr/en/download/article-file/424448>. Mais informações em: <https://dergipark.org.tr/en/download/article-file/516396>

²⁹ Saiba mais sobre o cinema greco-cipriota em: <https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/1466756/1/Lisa%20SocratesPhD%202015%5B1%5D.pdf>

apresentados, passamos então ao romance que elegemos para analisar, compreendendo que ele também carrega um viés ideológico, assim como traços importantes que nos fazem refletir a memória coletiva e o trauma geracional na obra e no conflito cipriota.

3 LITERATURA, TRAUMA E MEMÓRIA NO CHIPRE

Neste momento de nosso estudo, chegamos, enfim, à análise do romance selecionado. Nosso objetivo é correlacionar os temas previamente discutidos com os elementos da produção literária de Elif Shafak. O romance *A Ilha das Árvores Perdidas* será utilizado como uma ferramenta para interpretar os impactos do conflito na memória coletiva e na formação de traumas geracionais, considerando sua relação com os processos de construção da identidade nacional e as manifestações de nacionalismo abordadas na obra.

Na primeira parte deste capítulo, apresentaremos, ainda que brevemente, a trajetória da escritora e a trama do romance *A Ilha das Árvores Perdidas*. O objetivo principal desse eixo de análise visa compreender a ressignificação dos contextos políticos cipriotas no romance, observando e identificando seu uso de estruturas sociais. Nesse momento também identificamos as características dos principais personagens da história, buscando entender quais são suas relações com a ilha e as memórias do conflito civil.

Na sequência, veremos como os temas do livro se relacionam com os conceitos de memória e trauma geracional. Abordando alguns trechos do romance, buscamos identificar de que forma a autora operacionalizou esses conceitos e também como cada personagem lida com os nacionalismos na ilha, pensando em como o conflito impactou nas relações dos personagens com os movimentos nacionalistas cipriotas. .

3.1 O ROMANCE A ILHA DAS ÁRVORES PERDIDAS

A autora do romance, Elif Shafak, é uma romancista turco-britânica nascida em 25 de outubro de 1971. Doutora em Ciência Política, Elif já lecionou em universidades na Turquia, Estados Unidos e Inglaterra, incluindo St Anne 's College e a Oxford University. Atualmente é vice-presidente da *Royal Society of Literature*, e possui 21 livros publicados, dos quais 13 são romances. Ela afirma que “o trabalho de uma romancista é fazer perguntas, inclusive as difíceis”³⁰, assim como a literatura deve notar os silêncios, trazendo a periferia para o centro, empoderando e humanizando sujeitos e grupos sociais invisibilizados ou marginalizados nos cânones literários. É isso que ela busca em suas obras, principalmente na que nos propomos a analisar.

³⁰ Entrevista fornecida a TAG em 2022 com a publicação do livro pela editora.

Dentre suas publicações destacamos as obras *Como permanecer são em uma era de divisão*; *10 minutos e 38 segundos neste mundo estranho*; e *Três Filhas de Eva*, que foram indicadas e receberam premiações, focando em revisitar os silêncios. *A Ilha das Árvores Perdidas* foi indicada para o Reese Witherspoon Book Club, assim como estava na seleção final do Costa Award, British Book Awards, RSL Ondaatje Brise e Women 's Prize for Fiction.

O romance escolhido para nosso estudo foi publicado em 2021 na Inglaterra em inglês e traduzido e publicado no Brasil em 2022. A trama não é narrada linearmente, logo temos a mesma dividida em momentos históricos e espaços diferentes. Ambientada na Inglaterra e no Chipre, a trama se passa em 1974, no início dos anos 2000, e no final dos anos de 2010, formando relações e rupturas que nos demonstram certa fragmentação narrativa. Alguns personagens atravessam todos os períodos e ambientes, entretanto há figuras na história que estão ‘presas’ em seu tempo, sem acesso ao passado. Esse é o caso de Ada, personagem principal dos capítulos ambientados no final da década de 2010. Ela tem 16 anos, nasceu e cresceu na Inglaterra, sabendo que seus pais vieram de uma ilha distante, mas com informações escassas sobre esse local.

Os pais de Ada, Defne e Kostas nasceram no Chipre. Quando tinham 18 e 17 anos, respectivamente, apaixonaram-se e viveram um romance proibido, porque ele era grego e ela turca. Eles se escondiam dos conhecidos e familiares para se encontrarem, faziam juras de amor em meio ao conflito étnico da ilha, que se agravou no período de 1974. Ao perceberem que a violência escalava e que eles podiam ser pegos, decidem marcar seus encontros na taberna *A Figueira Feliz*. Esse lugar era administrado por Yiorgos e Yusuf, outro casal com as duas origens étnicas distintas, que corriam um risco maior por estarem em um relacionamento homossexual.

A taberna misturava influências multiculturais, tanto na culinária, quanto no espaço. Em seu centro, crescia por um espaço aberto no teto, uma figueira-comum, uma *ficus carica*. Essa árvore presenciou ambos os casais, visitantes, turistas e soldados britânicos se divertirem, assim como o conflito e a violência na ilha. Testemunhou quando o exército turco chegou no Chipre e as hostilidades aumentaram. A Taberna representa esse ponto de contato entre as culturas e nacionalidades que se encontravam em maioria no território: grega, turca e britânica. Entretanto, não foi apenas momentos felizes que a Figueira presenciou, já que sua morada foi vandalizada algumas vezes.

No momento em que a Turquia invadiu o Chipre, a mãe de Kostas, Panagiota, que já tinha perdido seu filho mais velho assassinado e o mais novo se juntou a EOKA, sentiu

medo de perder Kostas e enviou-o para a Inglaterra para trabalhar com seu tio. Kostas imigrou, deixando uma carta na Taberna para Defne, já que não conseguiu se despedir dela. Na carta, afirmava que manteria contato e voltaria logo. Entretanto, quando ele conseguiu telefonar para a casa de Defne e falar com sua irmã Meryem, a mesma lhe afirmou que Defne recebia suas cartas, mas não queria mais contato com Kostas. Posteriormente, entendemos que Defne estava grávida, sozinha e desamparada. Quando ela conseguiu um médico britânico que aceitou realizar um aborto nas instalações da Taberna, o local foi atacado por radicais e os donos, Yiorgos e Yusuf, não foram mais vistos. O médico e a jovem fugiram. Defne teve a criança posteriormente, que foi adotada por uma família britânica e faleceu de malária com menos de dois anos.

O jovem Kostas não sabia deste contexto. Na Inglaterra, focou nos estudos de botânica e das alterações genéticas em árvores que passaram por eventos traumáticos. Vinte cinco anos depois que saiu do Chipre, ele retorna à ilha a trabalho, mas também pensando em reencontrar Defne. Ela estudou arqueologia e se juntou ao comitê de pessoas desaparecidas das Nações Unidas. Apesar de muitas e drásticas mudanças que ocorreram na vida dos dois ao longo do tempo, eles conversam sobre as feridas do passado e decidem reviver esse romance na Inglaterra. Defne conta a sua família, a qual não aceita por Kostas ser um homem grego. A narração deste reencontro coloca em cheque algumas convicções que Kostas tinha sobre o conflito e sobre as identidades nacionais no Chipre.

Antes de partir para a Inglaterra, eles vão à Taberna e coletam uma muda da Figueira que estava perecendo, sem cuidado dos donos. O casal que administrava a caverna foi encontrado, no início dos anos 2000, amarrado em um poço em uma colina próxima à Figueira Feliz. Essa lembrança perturba Defne que se sente culpada pela morte dos dois e que, agora que seus corpos foram localizados, serão enterrados em lados diferentes da ilha, distantes um do outro. Na ilha britânica, a muda da Figueira e Ada, concebida no Chipre, crescem juntos. Por conta de todos os traumas e culpas do passado, Defne tem problemas de alcoolismo e uso de medicações fortes sem prescrição. Quando Kostas estava em uma viagem de trabalho, Ada encontra a mãe inconsciente por uma overdose, que a levou a óbito.

Por mais que se assemelhe, observamos que Kostas defende que não se tratou de um suicídio, na verdade, foi um descuido com as dosagens, resultantes de um passado que a sufocava. As relações de Ada e seu pai se mantiveram distantes após a morte de Defne, isolados, cada um, em sua ilha de dor. Vemos esse cenário se transformar

gradualmente com a chegada da irmã de Defne, Meryem, à Inglaterra. Após o falecimento de sua mãe, Meryem vai visitar seu cunhado e sobrinha, o que não pode realizar antes por conta de uma promessa a seus pais, pois Kostas é de origem greco-cipriota. A relação de Meryem e Ada se intensifica, mesmo com um primeiro estranhamento da sobrinha. A tia conta para a mais nova algumas informações sobre o Chipre, principalmente para um trabalho da escola.

No romance, percebemos que as linhas, os limites, as fronteiras são reiteradas o tempo todo. Entretanto, alguns elementos ultrapassam com grande facilidade as fronteiras geográficas e nacionais, a exemplo da natureza, as memórias, as superstições³¹, por vezes até a culinária. Essas fronteiras podemos ver em algumas falas de Meryem, que corrige, por exemplo, quando Ada fala o nome de algum prato em grego. Mas ela mesmo afirma, por exemplo, os elementos que unem os ilhéus, como as crenças e lendas.

Com dicas de limpeza, culinária e provérbios, Meryem constrói laços com a menina e Ada melhora sua relação com seu pai. Ao final, vemos que ele promete levar a filha para o Chipre, já que ela está na descoberta de seu passado. Um passado negado a ela por decisão de seus pais, por achar que não contanto o que aconteceu, livrariam ela desse fardo. A jovem foi atrás de descobrir algumas informações sobre seu passado, ajudando a aliviar a agonia da crise de identidade, já que até seu nome é em um idioma que ela não fala, em turco.

No decorrer da história, temos a Figueira como uma personagem narradora. As informações fornecidas por ela nos explicam ou adiantam alguns acontecimentos. Crescendo a partir de uma muda na ilha britânica, ela é enterrada por conta do frio, prática comum para árvores levadas de climas quentes para regiões frias. Ada sente falta da árvore com o passar dos dias de inverno, mesmo não tendo a mesma ligação que seu pai com a planta. A Figueira é a ligação dela com o passado na ilha. A jovem busca um passado que não conhece, enquanto a Figueira enterrada relembra seus momentos e nos conta, como se quisesse dizer a Ada.

A autora, em seu romance, explora como os traumas geracionais impactaram os envolvidos no conflito de Chipre. Para isso, opta por um narrador não convencional: uma figueira. Segundo a própria autora, essa escolha foi uma maneira de evitar perspectivas nacionalistas ou tribalistas na construção da narrativa. Além disso, a Figueira funciona

³¹ Utilizamos esse termo como referência a crenças religiosas e culturais, populares de determinada região, em nosso caso no Chipre. Entendemos como uma forma de explicação de eventos não baseadas em conhecimentos científicos, pautados por vezes em coincidências ou explicações pela lógica do medo. Entretanto, mencionamos sem a intenção de usar em termos pejorativos ou taxativos.

como uma metáfora do processo migratório, simbolizando a ligação contínua com a terra natal por meio de suas raízes.

Esse breve resumo da trama nos ajudará a entender o panorama da memória no livro. Por mais que seus pais escolheram não lhe contar sobre o passado da família, Ada ainda sente a dor de um trauma que ela não sabe qual é. Ao investigar sobre o passado, apenas as informações dos buscadores online sobre a ilha não eram suficientes. A jovem entendia sobre o conflito, mas não sabia dos traumas familiares que os pais carregavam e que lhe causavam a crise de identidade, ligada a uma história que ela não conhecia. A partir de um contexto complicado, temos uma história que nos possibilita entender a necessidade dessa conexão com o passado e o resgate da memória.

3.2 OS SIGNOS CIPRIOTAS

Nosso objetivo, neste momento, incide em analisar o romance selecionado à luz da Sociologia da Literatura, destacando trechos específicos do texto para exemplificar os aportes teóricos previamente discutidos. Entenderemos como esse período histórico marcado pelo conflito é apresentado na obra, já que como vimos com o círculo de Bakhtin, a palavra não é um signo neutro, construtora do discurso interno, que é sensível às mudanças e revoluções sociais, podendo armazenar pedaços destes acontecimentos.

Primeiramente, é fundamental compreender o contexto de produção da obra, considerando que esse cenário, assim como os aspectos relacionados ao autor e ao público, influencia os signos ideológicos que o livro carrega e expressa. Publicado em inglês, na Inglaterra em 2021, o romance surge em um ambiente historicamente marcado pela relação entre o Reino Unido e Chipre. Durante um longo período, a ilha esteve sob domínio britânico, consolidando a influência política e administrativa do Reino Unido na região. Além disso, em diferentes momentos, a questão cipriota foi apresentada aos políticos britânicos como um problema a ser resolvido. Assim, o tema de Chipre e suas particularidades – incluindo descrições do território, da fauna, da flora e de certos costumes – fazem parte do repertório britânico, ainda que, por vezes, apresentados de forma estereotipada. Nesse contexto, a ideia de unificação da ilha emerge como um projeto político recorrente, refletindo um ideal frequentemente debatido.

Elif, autora turco-britânica e também doutora em ciência política, nos apresenta em sua obra alguns detalhes que nos confirmam sua posição em favor do cipriotismo, isto é, a unificação da ilha e uma identidade nacional conjunta. Ela utiliza de uma Figueira como

narradora para não tomar um ponto de vista como central, evitando justamente os nacionalismos fragmentados que já comentamos. Sua escrita denuncia as violências e abusos durante a colonização britânica e a invasão turca, assim como dos grupos armados que defendiam certas correntes nacionalistas, como a EOKA.

Observa-se uma certa proximidade da autora com o contexto abordado, pois, embora não seja cipriota, ela dedicou parte de seus estudos à ilha. Ao analisarmos brevemente esse cenário, percebemos como o meio em que a autora está inserida e sua trajetória acadêmica e literária influenciam determinadas características da obra. O romance não se propõe a defender explicitamente uma ideologia específica, mas inevitavelmente o faz, uma vez que toda produção discursiva carrega marcas ideológicas.

O conflito, que serve de pano de fundo para o romance entre Defne e Kostas, evidencia os impactos desse acontecimento na vida dos habitantes da ilha. Dessa forma, a obra apresenta características específicas de Chipre e de sua população, como a vegetação e o clima, as vestimentas e religiões, a culinária e os idiomas, retratando a estrutura social da ilha naquele período. No entanto, mais do que uma mera representação da realidade, esses elementos são incorporados à própria construção interna do romance, demonstrando como a estrutura social cipriota se entrelaça à narrativa literária.

Abordados os signos usados na narrativa, notamos como os mesmos reforçam ideias de identidade e nacionalismo no psiquismo interior dos cipriotas. No romance, vemos que antes da violência escalar e a divisão da ilha definir rigidamente seus limites, gregos e turcos eram vizinhos, falavam ambos os idiomas, frequentavam os mesmos lugares. Após esse período, a própria palavra usada no discurso interior se disciplinou a apenas um idioma, reforçando a ideia de pertencimento com a 'terra natal'. A consciência, formada durante as interações sociais, é direcionada a uma forma de interação no grupo étnico que se identifica, gerando um afastamento com a outra comunidade.

O psiquismo individual, por ser ideológico, é social. Sendo assim, notamos nos próprios personagens a representação de algumas ideologias que se fortaleceram na época em que a história aconteceu. As personagens incorporam os acontecimentos conflituosos na ilha em seu psiquismo individual. Vejamos alguns trechos que exemplificam nossas colocações.

Um mapa é uma representação bidimensional com símbolos arbitrários e linhas gravadas que estabelecem quem deve ser nosso inimigo e quem

deve ser nosso amigo, quem merece nosso amor e quem merece nosso ódio, e ainda quem merece apenas nossa indiferença (Safak, 2022, p. 11).

Esse fragmento nos apresenta como as fronteiras são demarcadas na narrativa. Sem uma reflexão crítica sobre a construção desses muros ideológicos, torna-se difícil compreender, por exemplo, o estranhamento de Kostas ao retornar a Chipre no início dos anos 2000 e atravessar a Linha Verde com facilidade, devido à abertura de novos pontos de passagem. Além disso, o romance evidencia como certos elementos ultrapassam essas fronteiras com naturalidade, sendo a personagem Meryem um símbolo dessas transgressões, especialmente por meio da culinária e das superstições, que circulam entre os diferentes grupos da ilha, desafiando barreiras políticas e culturais. O elemento interessante do romance é que a mãe de Kostas (uma mulher grega) e a irmã de Defne (uma mulher turca) são extremamente supersticiosas, por exemplo, Meryem quando percebe alguma tristeza ou vício em alguém, associa aos *djinn*, espécie de espíritos malignos e busca soluções em crenças populares religiosas. De maneira semelhante, Panagiota realiza rituais chamados *xematiasma* em grego, para retirar o mau-olhado.

Há muitas coisas que uma fronteira- mesmo uma tão clara e bem guardada- não pode deter. Os ventos efésios, que apesar de também receberem o suave nome *meltemi* ou *meltem*, têm uma força surpreendente. Borboletas, gafanhotos e lagartos. Caracóis também, ainda que sejam terrivelmente lentos. De tempos em tempos, um balão de aniversário que escapa das mãos de uma criança flutua pelo céu e atravessa para o outro lado - território inimigo (Safak, 2022, p. 13).

e

Enquanto as religiões entram em conflito para ter a palavra final, e os nacionalismos propagam um senso de superioridade e exclusividade, as superstições de ambos os lados da fronteira coexistem em rara harmonia (Safak, 2022, p. 122).

O romance apresenta um panorama sucinto da história de Chipre, abordando a crise internacional e a retirada dos britânicos da ilha, a fim de situar o leitor no contexto dos acontecimentos. Além de oferecer um enquadramento histórico e retratar aspectos da realidade, essas descrições ajudam a fundamentar e a explicar certos sentimentos e atitudes dos personagens. Um exemplo disso é o irmão mais novo de Kostas, que se junta à EOKA após o assassinato do irmão mais velho, morto por apoiar a ideologia comunista. Além disso, a obra também evidencia a atuação da ONU no território, tanto na

delimitação da Linha Verde quanto no trabalho arqueológico conduzido por Defne. Essa presença se reflete no seguinte diálogo entre Defne e Kostas sobre o comitê de pessoas desaparecidas:

- E os moradores locais, eles apoiam o projeto?
- As reações têm sido mistas até agora. Temos muitos voluntários de ambos os lados ávidos por ajudar, o que nos dá esperança na humanidade. Os jovens são sábios. Querem a paz. E os mais velhos, algum tipo de encerramento. São os que estão no meio que causam problemas.
- Nossa geração, você quer dizer — disse Kostas.
- Exatamente. Há uma minoria, pequena mas ruidosa, que não vê com bons olhos nosso trabalho, seja porque teme que ele possa despertar velhas animosidades, seja porque ainda as apoia. Alguns dos membros da comissão foram ameaçados (Safak, 2022, p. 185).

Nesse diálogo, Defne nos conta como era a reação da comunidade local em relação ao trabalho do comitê, demonstrando que, por mais que anos já tenham se passado e o conflito violento tenha diminuído, a memória do conflito e dos ressentimentos ainda existem. Notamos esse sentimento na fala de Meryem quando questionada por Ada sobre o passado. Ela relembra alguns momentos de sua vivência que nos demonstram esses ressentimentos e dor, como uma vontade de apagar e esquecer o ocorrido

- Digamos que a história seja feia, o que isso tem a ver com você? — disse Meryem, ignorando o comentário — Não é um problema seu. Minha geração estragou tudo. Sua geração tem sorte. Você não vai acordar um dia com uma fronteira bem na frente da sua casa nem precisa se preocupar com a possibilidade de seu pai ser morto a tiros na rua apenas por causa da etnia ou religião dele. Como eu gostaria de ter sua idade agora (Safak, 2022, p. 160-161).

Ainda sobre o comitê de pessoas desaparecidas, podemos identificar as características do cipriotismo na fala de Defne. Nessa cena Kostas questiona de qual comunidade as pessoas encontradas nas escavações eram, Defne o responde reforçando algumas características dessa identidade nacional. O posicionamento político que Defne defende prevê a união das duas comunidades, e nega a ligação com a terra natal, afirmando uma independência cipriota.

- E os desaparecidos que vocês encontraram aqui, eram gregos ou turcos?— perguntou ele, com cautela.

— Eram ilhéus — respondeu Defne, e dessa vez a voz tinha um tom mais cortante. — Ilhéus, como nós (Safak, 2022, p. 187).

A vivência dos personagens é moldada pelas estruturas sociais resultantes do conflito, e sua interação com essas estruturas, bem como com os signos difundidos no contínuo social, influencia diretamente suas reações ao confrontar essas memórias. Dessa forma, o romance evidencia como as experiências individuais estão imbricadas em processos históricos e coletivos, revelando os impactos profundos da guerra e da divisão territorial na construção das identidades e emoções dos personagens. Um tema estruturante no romance, que é formador do psiquismo interior dos personagens é a migração. A primeira a tratar sobre esse tema é a Figueira, levada em muda para a Inglaterra depois de sua vida em uma Taberna no Chipre. A narrativa conta suas experiências e vivências no conflito e na vida desta família em específico. Nesse trecho, ela discorre sobre seu crescimento na ilha britânica.

Apesar disso, levei sete anos para voltar a dar frutos. Porque é isso que as migrações e os deslocamentos fazem conosco: quando deixa a casa rumo a terras desconhecida, você não continua simplesmente vivendo como antes; uma parte de você morre por dentro para que outra parte possa começar tudo de novo (Safak, 2022, p. 61).

Kostas é o outro personagem que divide essa dor com a Figueira. Ele deixou o Chipre com a invasão turca e voltou quase 25 anos depois. Há uma certa ansiedade em retornar para a ilha cipriota, já que as memórias de como foram os tempos ali o perturbam – tanto as memórias boas, quanto as ruins. A aflição também deriva de seu reencontro com Defne, pois simboliza uma parte importante de seu passado que não foi superado e esquecido. Vejamos os seguintes trechos de diálogo entre Defne e Kostas nos primeiros contatos após 25 anos distantes.

— Olha — disse ela — Eu não quero falar sobre isso. Você precisa entender uma coisa: sempre que algo terrível acontece em algum país, ou em uma ilha, um abismo se abre entre aqueles que partem e aqueles que ficam. Não estou dizendo que seja fácil para as pessoas que foram embora, tenho certeza de que elas enfrentaram suas próprias dificuldades, mas não tem ideia de como foi para os que ficaram.

— Os que ficaram lidaram com as feridas e depois com as cicatrizes, e isso deve ser extremamente doloroso — supôs Kostas — Mas para nós... os fugitivos, você pode nos chamar assim... Nós nunca tivemos chance de nos curar, as feridas ficam sempre abertas (Safak, 2022, p. 204).

e

— Foi você que me fez ler Kafávis. Já se esqueceu do seu próprio poeta? Acha que pode deixar sua terra natal porque muitas pessoas já fizeram isso, então por que você não deveria? Afinal, o mundo está cheio de imigrantes, fugitivos, exilados... Encorajado, você se liberta e viaja o mais longe que pode, mas um dia olha para trás e percebe que ela viajou com você o tempo todo, como uma sombra. Aonde quer que formos, esta cidade, esta ilha irão conosco (Safak, 2022, p. 259).

Nesses fragmentos, além de tratar das cicatrizes que se mantém não importa para onde se mude, vemos como o embate entre os personagens fica acirrado. Não existe um sentimento de ódio entre os dois, mas, pelo contexto em que viveram essas décadas separados, e a forma que lidam com essas feridas, há estranhamentos em seus primeiros diálogos. O casal teve formas diferentes de sufocar os traumas do passado, mas os dois não conseguiram solucionar essas marcas que o conflito deixou.

Além de acontecimentos e temas estruturantes do romance, vemos como é incorporado características dos movimentos nacionalistas, como os detalhes nas ruas, por vezes escrito em grego, alterado para turco ou inglês e vice e versa. À medida que um grupo de poder se estabelece em uma região, ele afirma sua ideologia por meio de elementos cotidianos da população. A alteração do nome de uma rua ou a mudança do idioma em uma placa informativa transformam-se em signos que reforçam uma corrente nacionalista e a construção de uma identidade nacional. Além disso, esses elementos não são apenas manifestações simbólicas, mas representações materiais de uma ideologia, expressando-se em objetos que reafirmam a presença e a influência do poder vigente. Tentando evitar reforçar esses signos que defendem uma identidade nacional ligada a etnia, a autora invoca a Figueira como uma terceira via, a árvore afirma:

O que lhe conto, portanto, eu conto pelo prisma do meu próprio entendimento, sem dúvida. Nenhum narrador é completamente objetivo. Mas sempre tentei compreender todas as histórias a partir de diversos ângulos, de perspectivas em constante mudança, de narrativas conflitantes (Safak, 2022, p. 171).

Nesse trecho, já temos a confirmação de que há um posicionamento na narrativa, mas que o mesmo busca fugir das ideologias étnicas e seus signos, visando um nacionalismo cipriota unificado. Essa seção buscou introduzir a obra em uma análise sociológica e dialógica, visando identificar os momentos do texto, selecionados

resumidamente, em que as estruturas sociais da realidade cipriota são incorporadas na formação interna do livro ao ponto de se forem retiradas, a história perde seu sentido. Também como vimos no primeiro capítulo, a relevância social está em como a mesma incorpora esses elementos da realidade e a partir disso pode compactuar com alguma reação social da comunidade com acesso à mesma.

Por fim, constatamos que por ser um meio de comunicação, a literatura e em especial esse romance, podem gerar um novo debate sobre a situação cipriota, assim como ser uma ferramenta de análise para os reflexos deste conflito. Como as estruturas sociais são incorporadas na história, as relações de memória e trauma também aparecem nas personagens e será esse tema que veremos em nossa próxima discussão.

3.3 A MEMÓRIA DA FIGUEIRA

Nessa última sessão do nosso estudo, chegamos ao nosso tema principal: memória e trauma geracional. O objetivo principal visa observar como o romance *A Ilhas das Árvores Perdidas* mobiliza elementos da memória coletiva e do trauma intergeracional, reafirmando tais conceitos como ferramenta interessante para observar como conflitos dessa magnitude afetam realidades homólogas como as do romance. No início da trama, temos este fragmento: “Era uma vez, no reino da memória, nos confins do mar mediterrâneo” (Safak, 2022, p. 11), que reflete a abordagem proposta pela autora de acessar esses lugares da memória coletiva que foram silenciados por conta de traumas geracionais derivados do conflito.

Conforme observamos no primeiro capítulo, a memória, constituída por signos ideológicos, molda a experiência dos grupos sociais, logo podem existir tantas memórias coletivas quanto comunidades. As testemunhas em uma memória coletiva podem enfraquecer ou fortalecer uma noção de memória conjunta, mas como já comentamos os testemunhos, assim como a memória dita como individual não é suficiente para formar a psiquismo interior de um indivíduo. É preciso o contato com o coletivo, as interações sociais nos demonstram que a memória mais marcante em um grupo é a que atinge a maior quantidade de membros.

Os pais de Ada, Defne e Kostas foram afetados diretamente pelo conflito, perderam amigos e familiares, casas e a companhia do outro por muitos anos. Sua relação com a dor e trauma difere das dores e crises da adolescente, mas tem uma origem comum, mesmo que de momentos diferentes. A primeira cena interessante de se tratar é quando

Ada grita por quase um minuto em sua aula de história em um colégio britânico. A aula, que tratava sobre recuperar as raízes familiares, causa uma angústia na personagem que não conhece o passado de sua família.

A primeira fala que merece nossa atenção é a da professora de Ada ao explicar a tarefa das férias. A professora Walcott afirma: “Sem compreender o passado, como podemos esperar moldar nosso futuro?” (Shafak, 2022, p. 21). Essa reflexão remete ao que discutimos no primeiro capítulo: a história como um exercício de memória para reconstruir um passado sem lacunas. No caso de Ada, sua história familiar é marcada por inúmeras ausências, e essa constatação desencadeia nela uma crise intensa, intensificando sua angústia por não conhecer plenamente suas origens.

Ada baixou o olhar. Não conhecia nenhum membro da família, nem por parte de pai nem por parte de mãe. Sabia que eles viviam em alguma parte do Chipre, mas isso era tudo. Que tipo de pessoas eram? Como passavam os dias? Será que a reconheceriam se cruzassem com ela na rua ou esbarrassem nela no supermercado? (Safak, 2022, p. 22).

Esse fragmento evidencia a relação da personagem com essa ausência de informação. Ao longo de sua vida, Ada teve o acesso negado a detalhes sobre sua história familiar, conhecendo Chipre apenas por meio de pesquisas na internet, que não foram suficientes para lhe proporcionar a compreensão plena de sua trajetória. Esse desconhecimento reforça sua sensação de deslocamento e intensifica sua busca por pertencimento.

Na língua da mãe, seu nome significa “ilha”. Quando era mais nova, achava que era uma referência a Grã-bretanha, a única ilha que conhecia, só mais tarde se deu conta de que se tratava, na verdade, de uma referência a outra ilha, muito distante, e de que tinha esse nome porque havia sido concebida lá. [...] (seu nome) a ligava, de forma inescapável, a um lugar que até aquele momento existia apenas em sua imaginação (Safak, 2022, p. 23).

Seu nome estava na lista de palavras em grego e turco que não compreendia, já que seus pais preferiram se comunicar em inglês em casa, não lhe ensinando a língua de suas famílias paterna e materna. A cena inicial do romance, em que Ada grita, expressando uma angústia profunda, leva-nos a questionar a origem desse sofrimento, que nem mesmo a personagem consegue identificar plenamente. Para compreender essa inquietação, é essencial analisarmos os momentos em que seus pais reafirmam a decisão

de não transmitir a ela a história de dor e sofrimento que viveram. Essa escolha impõe um silêncio geracional, evidenciando como os traumas do passado reverberam no presente, mesmo quando não são diretamente narrados.

Tanto Defne quando Kostas criaram sua própria ilha de dor, guardando para si a parte mais afetada pelos acontecimentos no Chipre. Quando discorremos sobre trauma, abordamos que o trauma geralmente se torna uma lembrança bem detalhada e constante. Quando vivido em silêncio e em isolamento, esse trauma acentua seus impactos na vida do indivíduo. O que impactou ambos têm raízes e desdobramentos diferentes, mas esses insulamentos chegam até a adolescente, que se isola mais após a morte da mãe. Podemos identificar, por exemplo, o momento que o isolamento de Kostas se concretiza, ainda em sua juventude no Chipre.

Kostas sentiu uma solidão tão intensa que era quase tangível. Depois daquele dia, não falaria mais sobre morcegos frugívoros e sobre como eles eram importantes para as árvores do Chipre e, portanto, para os habitantes de lá. Em uma terra assolada por conflitos, incertezas e derramamento de sangue, se você prestasse muita atenção a qualquer coisa que não fosse o sofrimento humano, as pessoas tomavam isso como indiferença, como um insulto à dor delas. Não era hora nem o lugar apropriados para falar sobre plantas e animais, a natureza em todas as suas formas e em todo o seu esplendor, e foi assim que Kostas Kazantzakis foi aos poucos se fechando, esculpindo para si mesmo uma ilha dentro de outra ilha, isolando-se no silêncio (Safak, 2022, p. 137-138).

Por escolherem viver em suas próprias "ilhas", evitando relembrar o passado, os pais de Ada — especialmente Defne — decidiram não compartilhar com ela as experiências que viveram em Chipre. Esse silêncio, motivado pelo desejo de proteção ou pela dificuldade de enfrentar traumas, acaba privando Ada de sua história familiar, intensificando seu sentimento de desconexão e sua busca por identidade. Como observamos em Pollak (1993), podemos identificar no romance os momentos em que os responsáveis por Ada optam pelo silêncio, justamente pela lembrança traumática e comprometedora das suas escolhas. Dessa forma, a decisão de poupar Ada desse passado coloca em tensão a identidade individual e coletiva da família em relação a Chipre. O silêncio dos pais não apenas impede a transmissão de memórias, mas também evidencia o conflito entre a necessidade de esquecer e a impossibilidade de escapar das marcas deixadas pelo passado. Assim, a identidade da família torna-se um espaço de disputa, onde a tentativa de ocultação das origens colide com a inevitável presença das heranças históricas e afetivas. Podemos relacionar essa escolha com uma síndrome do

sobrevivente pelos progenitores de Ada, vemos uma culpa por não só terem sobrevivido ao conflito, mas por viverem um amor proibido em meio de tanta violência. Essa síndrome gera um bloqueio ao processar o luto no casal, tanto de familiares como de seus amigos que administravam a Taberna.

Nos seguintes trechos podemos notar os diálogos que tiveram sobre o assunto, pensando que a distância deste trauma, e das memórias do conflito, seria melhor para a jovem. A primeira fala é de Kostas direcionada a Meryem, que questiona o porquê de não comentem com sua sobrinha sobre o passado.

— Ela é uma menina britânica. Nunca esteve no Chipre. Defne estava certa o tempo todo. Por que sobrecarregar nossos filhos com nosso passado, ou com a bagunça que fizemos dele? Esta é uma nova geração. Uma página em branco. Não quero que ela se angustie com uma história que não nos causou nada além de dor e desconfiança (Safak, 2022, p. 74).

Esse diálogo ocorre no final de década de 2010, quando Meryem vai para a Inglaterra conhecer sua sobrinha, reencontrar seu cunhado e se despedir apropriadamente da irmã. Entretanto, ao longo da narrativa, observamos diferentes momentos em que os pais de Ada refletem sobre sua relação com o próprio passado e questionam se devem ou não o transmitir à filha. Essas indecisões revelam não apenas o peso das memórias traumáticas, mas também as tensões entre o desejo de proteção e a necessidade de reconhecimento da própria história. O trecho a seguir é uma conversa entre Kostas e Ada, em que ele argumenta o porquê de não conversarem sobre sua história familiar.

— Nós sempre tratamos você como um ser independente, não como uma extensão de nós mesmos. Você vai construir seu próprio futuro, e eu vou apoiá-la em cada passo. Por que a obsessão com o passado?
— Obsessão? Eu já carrego esse fardo...
— Não, não é verdade. Você não tem que carregar nada. Você é livre.
— Até parece!
Kostas prendeu a respiração, chocado com as palavras duras. Não vê problema em acreditar que as borboletas jovens herdaram as migrações de seus ancestrais, mas quando se trata da sua própria família, acha que não é possível (Safak, 2022, p. 146).

Isso ocorre no momento mais recente da trama. No entanto, nos capítulos ambientados no início dos anos 2000, notamos uma conversa entre Defne e Kostas, logo após o nascimento da filha, e que concerne sua tomada de decisão em torno do silêncio e das suas “memórias subterrâneas”:

— Não quero que a Ada carregue com ela nossas dores. Quero que você me prometa, Kostas, que não vai contar muito a ela sobre nosso passado. Apenas algumas coisas básicas, mas só isso, nada mais.

— Meu amor, você não pode impedir as crianças de fazer perguntas. Quando crescer, ela vai ter curiosidade.

[...]

— Faz tempo que venho pensando sobre isso. Eu vejo como é. Falo com as pessoas o tempo todo. Isso não desaparece, Kostas. Uma vez que entra na sua cabeça, seja suas próprias lembranças ou as de seus pais ou avós, essa dor maldita se entranha na sua carne. Ela fica em você e te marca pra sempre. Arruína a sua psique e altera a maneira como você pensa em si mesmo e nos outros.

[...]

— Só me prometa, é tudo que peço. Se quisermos que a nossa filha tenha um futuro feliz, temos que protegê-la do nosso passado (Safak, 2022, p. 285).

Essas falas revelam o temor dos pais de que Ada herdasse a dor que eles carregam, tratando a memória como um fardo a ser evitado. No entanto, ao longo da narrativa, observamos um contraste significativo: a memória pode ser vista tanto como um peso opressor quanto como um elemento essencial para a construção da identidade. Esse dilema evidencia a dualidade entre o desejo de proteção e a necessidade de pertencimento, mostrando como o passado, mesmo silenciado, continua a influenciar a vida de Ada e sua busca por respostas. A memória, como vimos anteriormente, é social, formada também a partir de interações sociais, e quando essas interações são traumáticas, podem gerar uma resistência a se tratar do assunto, criando uma visão negativa de lembrar de algo e dificuldade nas socializações com o grupo social e memória-nação. Logo no início do romance, temos a memória apresentada como algo danoso.

Uma memória duradoura é uma maldição. Quando as idosas cipriotas desejam o mal a alguém, não pedem que nada de flagrantemente ruim lhe aconteça. Não rezam por raios, acidentes imprevistos ou súbitos revezes do destino. Elas simplesmente dizem: *Que você nunca consiga esquecer. Que você vá para o túmulo ainda se lembrando* (Safak, 2022, p. 41).

Esse trecho revela que o desejo de silenciar o passado não se restringe apenas à família de Ada, mas faz parte de uma estrutura social mais ampla em Chipre, onde a memória dos acontecimentos traumáticos muitas vezes é evitada. O romance evidencia como essa postura coletiva reforça a percepção da lembrança como um fardo, algo doloroso a ser esquecido em vez de transmitido. Assim, mais uma vez, observamos a

forma como características da realidade histórica e social são incorporadas à estrutura interna da narrativa, conferindo profundidade às tensões entre memória e esquecimento.

O próximo fragmento continua na mesma linha que o anterior: “Porque o passado é um espelho escuro e distorcido. Quando olha para ele, você só enxerga a própria dor. Não há espaço nele para a dor de outra pessoa.” (Safak, 2022, p. 106). O interessante deste trecho é que estamos abordando uma questão de memória coletiva, mas que ainda tem certa noção de subjetividade pelas diferentes formas que o psiquismo interno dos indivíduos podem ser formados. A relação de cada indivíduo com essa memória social é moldada por sua trajetória de interações e experiências. Em uma ilha marcada pelo conflito, os diferentes grupos sociais vivenciam o passado de maneira distinta, sendo impactados conforme sua etnia, região de residência e condição econômica. Essas variáveis determinam não apenas o acesso à memória coletiva, mas também como os acontecimentos históricos são interpretados, transmitidos ou silenciados. Dessa maneira, o romance evidencia como a memória não é homogênea, mas sim fragmentada e atravessada por relações de poder e pertencimento. Entretanto, como analisamos, mesmo que interiorizando de forma diferente, dois grupos sociais podem dividir uma memória por possuírem algum contato, isto é, interações com os signos.

Ao mesmo tempo que a visão negativa da memória é dominante em personagens como Defne e Kostas, outras personagens como Ada e por vezes Meryem veem uma necessidade na memória para construir sentimentos de pertencimento e entender-se enquanto indivíduo. Podemos notar essa relação nas falas: “— Se não conhece a culinária dos seus antepassados, você não sabe quem é.” (Safak, 2022, p. 127); e “— Ah, eu sei disso — respondeu Meryem, parecendo irritada — Mas estou falando de sabedoria ancestral. Faz parte da nossa cultura. Da sua cultura. Está no seu DNA.” (Safak, 2022, p. 177). Percebemos que esses dois pronunciamentos de Meryem estão diretamente relacionados ao aspecto cultural de Chipre. Ou seja, a parte da história negada a Ada não se restringe apenas aos momentos de dor, mas abrange toda a experiência de vida na ilha, incluindo suas tradições, costumes e identidades. Dessa forma, a ausência de memória não apenas oculta o sofrimento do passado, mas também priva Ada de uma conexão mais profunda com suas raízes, reforçando seu sentimento de deslocamento e a lacuna em sua construção identitária.

Há ainda um terceiro ponto que precisamos falar sobre a memória no romance, a questão da formação de arquivos que abordamos anteriormente. No romance analisado, um desses arquivos que guardam a memória é a Figueira, não porque contém sua

memória como um personagem em si, mas também porque relembra os personagens, o pai e mãe de Ada, que estão ligados a sua história nos ocorridos na ilha. Para os personagens ao seu entorno, a Figueira é a materialização da memória dos momentos de conflito no Chipre.

Esse arquivo de memória é construído intencionalmente, e não de forma espontânea. Assim, ele faz sentido para aqueles que tiveram contato direto com as experiências a que se refere — o que não é o caso de Ada. Sem esse vínculo, ela não consegue compreender plenamente a relação dos pais com a Figueira, pois lhe faltam as referências emocionais e históricas que dariam significado a esse elemento. Também, ao final do romance, notamos que a identidade cultural de Defne está cristalizada na árvore, reafirmando a materialização das memórias da mãe de Ada. Lembrando que a memória se forma no psiquismo interior e depois é exteriorizado, um trajeto que acontece com Defne que interiorizou a memória coletiva cipriota e exteriorizou materialmente na Figueira. A autora utiliza esse recurso linguístico e podemos entender como uma exemplificação desta externalização dos signos. Quanto menos uma lembrança é vivida no interior dos indivíduos, mais ela precisa de arquivos para se sustentar.

Encontramos então a necessidade de buscar suas origens, de encontrar a sua ligação com o passado que é coletivo e vivido como um eterno presente. A memória é coletivizada, mas deve ser internalizada e habitada individualmente, relacionando sua ligação pessoal com o passado. Dessa ligação vemos que os progenitores de Ada ainda não conseguiram fugir de suas feridas relacionadas ao conflito, notamos pelo trecho dito pela Figueira: “No entanto, ainda carrego a ilha comigo. O lugar que nascemos molda nossa vida, mesmo quando estamos longe dele. p.40” (Safak, 2022, p. 40). Ela nos relembra que não é possível fugir ou esconder os ocorridos sem que fique alguma marca. Não apenas o lugar que nasceu moldou a vida de Ada, o de seus pais também e por mais que não tenha conhecimento suficiente do que viveram no Chipre, ela sente os impactos indiretos do conflito.

Há diversos momentos na narrativa em que a angústia de Ada se manifesta em seu discurso interno, como nas passagens: “Tantas vezes no passado suspeitava de que carregava dentro de si uma tristeza que não era exatamente dela.” (Shafak, 2022, p. 28) e “Devia haver algo errado com ela, concluiu. Algo de errado em sua mente. Talvez ela tivesse o mesmo que a mãe, aquela coisa sobre a qual eles nunca falavam.” (Shafak, 2022, p. 91). Nessas reflexões, Ada identifica um sentimento confuso e perturbador, mas

permanece sem compreender sua origem. Seu sofrimento parece derivar de um vazio, de uma ausência de narrativa sobre si mesma, evidenciando como o silêncio em torno do passado familiar se transforma em uma espécie de herança emocional, transmitida de forma implícita e enigmática.

No decorrer da narrativa, intensificado pela presença de sua tia, Ada começa a identificar alguns pontos que podem ligar essa angústia com as gerações anteriores de sua família. Na cena abaixo, Ada foi levada por Meryem em um local espiritual, pois de acordo com sua tia a menina estava com algum espírito maligno. Já no local, um ritual para exorcizar esse espírito foi organizado e ela deu as mãos com Jamila, filha do homem que está lhe atendendo.

Ada se perguntou se Jamila também sofria de crises de tristeza, se também se sentia inútil. Será que cada geração começava inevitavelmente onde a anterior havia desistido, absorvendo todas as decepções e sonhos não realizados? Seria o momento presente uma mera continuação do passado, cada palavra um epílogo do que já havia sido dito ou do que se deixara de dizer? Estranhamente, essa ideia era ao mesmo tempo reconfortante e inquietante, e tirava um peso dos ombros. Talvez fosse por isso que as pessoas desejavam acreditar no destino (Safak, 2022, p. 224).

Ada é a personagem que, ao longo da narrativa, enfrenta os desafios de um trauma geracional. Como vimos anteriormente, esse tipo de trauma atravessa gerações, originando-se de um evento de grande impacto, geralmente marcado pelo sofrimento. Novamente, é a Figueira que nos oferece uma interpretação desse fenômeno, descrevendo como o trauma é transmitido e internalizado pelos indivíduos. Nos fragmentos seguintes, a narradora estabelece uma analogia entre os personagens e as árvores, mostrando como estas lidam com adversidades e registram, em seus próprios corpos, as marcas do tempo e das experiências vividas. Dessa forma, o romance sugere que a dor do passado, mesmo quando silenciada, permanece inscrita na memória coletiva e individual, influenciando aqueles que vêm depois.

No primeiro trecho ela nos conta como as árvores que passam por algum evento traumático se adaptam e seus descendentes aderem essas adaptações. Seria então uma forma de nos demonstrar que as mudanças que acontecem em um indivíduo que geram um trauma geracional, serão transmitidas na socialização de seus descendentes, por reconhecer e interiorizar os signos que relembram a situação traumática.

Uma árvore sabe que na vida tudo é uma questão de autoconhecimento. Sob estresse, produzimos novas combinações de DNA, novas variações

genéticas. Não apenas plantas estressadas fazem isso, mas também os descendentes delas, mesmo que eles próprios não tenham sofrido nenhum trauma ambiental ou físico semelhante. Você pode chamar isso de “memória transgeracional”. No fim das contas, todas nós lembramos pelo mesmo motivo que tentamos esquecer: sobreviver em um mundo que não nos entende nem nos valoriza (Safak, 2022, p. 96).

Quando a Figueira fala de memória transgeracional, não necessariamente é um trauma, mas também o pode ser. Como vimos, esses acontecimentos costumam ser marcantes ao ponto de aprisionar o indivíduo em suas memórias. Nas próximas passagens, a narradora estabelece uma comparação entre o trauma geracional e os traumas que ocorrem nas árvores, ilustrando como a dor persiste nos indivíduos, mesmo quando não é visível externamente. A figueira exemplifica esse processo ao descrever o medo da recorrência do ocorrido, destacando que, assim como a resina líquida que escorre internamente de uma árvore ferida, o trauma ainda não foi superado. Essa metáfora reforça a ideia de que experiências dolorosas deixam marcas profundas, transmitidas de forma silenciosa entre gerações, afetando a maneira como os indivíduos enfrentam o presente e se relacionam com sua própria história.

Se, como dizem, as famílias se assemelham a árvores, estruturas arborescentes com raízes emaranhadas e galhos individuais que se projetam em ângulos estranhos, os traumas familiares são como resina espessa e translúcida gotejando de um corte na casa. Escorrendo por gerações. [...] O caminho de um trauma transmitido entre gerações é aleatório; nunca se sabe quem vai herdá-lo, mas alguém vai. [...] Às vezes, o trauma familiar salta uma geração inteira e redobra a influência sobre a seguinte. Você pode encontrar netos que carregam em silêncio as mágoas e os sofrimentos dos avós. [...] As ilhas divididas estão cobertas pela resina de árvores que, embora fique incrustada nas bordas, ainda é líquida no interior, e segue gotejando como sangue. Sempre me perguntei se é por isso que os ilhéus, assim como os marinheiros nos tempos antigos, são curiosamente propensos à superstições. Não nos curamos da última tempestade, daquela vez em que os céus desabaram e o mundo se despiu de toda cor, não esquecemos os destroços carbonizados e emaranhados flutuando por toda parte, e carregamos dentro de nós um medo primitivo de que a próxima tempestade talvez não esteja muito distante (Safak, 2022, p. 120-121).

Se tratando de uma memória traumática que atravessa gerações, as descendências desses indivíduos não precisam saber necessariamente de toda história, como Ada, e isso pode agravar certas crises de identidade, carregando uma dor que não parece ser sua, mas ainda é parte de você. No último fragmento que destacamos a seguir, ao abordar os traumas geracionais, temos uma explicação de como podemos

entender o funcionamento deste conceito conforme a narrativa do romance:

Com demasiada frequência, a primeira geração de sobreviventes, os que mais tinham sofrido, eram os que conservavam a dor à flor da pele, as lembranças como farpas alojadas sob a derme, algumas assomando, outras completamente invisíveis aos olhos. A segunda geração, por sua vez, havia optado por suprimir o passado, tanto o que sabiam quanto o que não sabiam dele. A terceira geração, por outro lado, estava ansiosa para escavar e desenterrar silêncios. Como era estranho que em famílias marcadas por guerras, por deslocamentos forçados e atos de brutalidade, fossem os mais jovens que parecessem guardar as recordações mais antigas (Safak, 2022, p. 283).

Defne e Kostas fazem parte da segunda geração, viveram o conflito, mas decidiram por tentar silenciar esse passado. Contraditoriamente, a mãe de Ada trabalhava no Comitê de pessoas desaparecidas e entendia a importância de se lembrar, de reconhecer e recuperar essas memórias para poder superá-las. Notamos em suas falas que a partir desse trabalho ela entendeu a relevância de falar sobre o passado, mas não conseguia falar sobre o seu. No primeiro trecho ela replica a fala de um colega pesquisador ao conversarem sobre os ocorridos no Chipre:

“— Injuriarum remedium est oblivio — disse David. — O esquecimento é o remédio para as feridas.

— Mas temos que lembrar para não curar- Objetou Defne.” (Safak, 2022, p. 195)

Vemos em seu discurso que ela entende a necessidade de conversar e lidar com os traumas do passado. No seguinte trecho, Defne explica novamente sobre o trabalho do comitê na ilha cipriota. “— É óbvio, não? O que fazemos aqui não tem nada a ver com política nem com poder. Nosso trabalho está centrado na dor... e na memória. E as mulheres são melhores do que os homens em lidar com ambas” (Safak, 2022, p. 203).

Entretanto, trabalhar em um comitê dedicado a ajudar outras pessoas a lidar com suas memórias traumáticas do passado não auxiliou Defne a enfrentar as suas próprias. Pelo contrário, intensificou seu medo de ser constantemente assombrada por essas lembranças. Esse receio se manifesta no momento em que ela contesta um colega de trabalho sobre a ideia de "lembrar para superar" e, na mesma ocasião, faz a Kostas uma pergunta simbólica: onde ficam os ossos das borboletas? A conversa que estavam tendo despertava memórias dolorosas, e ainda assim, Kostas responde que as borboletas carregam seus ossos pelo lado de fora de suas asas, quase como um fardo. Essa

metáfora reforça a ideia de que, assim como as borboletas, aqueles que vivenciaram traumas muitas vezes carregam suas marcas de maneira visível ou latente, sem nunca se livrar completamente de seu peso.

Defne aproveita da informação para afirmar que o Chipre se assemelha a uma borboleta, com ossos visíveis em suas asas e que talvez assim, eles (o comitê de pessoas desaparecidas) não precisariam cavar para encontrar os mesmos, estariam todos expostos. Por essa conversa também notamos certa melancolia e dor ao falar do passado. A arqueóloga recorria a várias medicações, assim como bebida alcoólica. Como já comentamos, foi sua filha Ada que a encontrou inconsciente depois de uma overdose quando Kostas estava viajando. No final do livro, entendemos que não foi proposital de Defne, realmente foi descuido com dosagens, já que a mesma não queria partir e deixar seu marido e filha.

Quando o isolamento de Kostas e Ada diminui, o mesmo utiliza de uma história sua para explicar à menina como ele via a morte de Defne. Ele nos conta que nesses anos de trabalho com botânica, encontrou uma árvore que estava morrendo, ele realizou todos os testes nela e não identificou nada anormal, mas sabia que algo estava errado e ao desenterrá-la, descobriu o problema, estava nas raízes: “— O que quero dizer é que a árvore estava sendo estrangulada pelas próprias raízes, mas como era algo que estava acontecendo debaixo da terra, era indetectável.” (Safak, 2022, p. 299).

Ada também entende a importância da memória, já que além de lidar com o trauma geracional, faz parte da terceira geração deste trauma e segunda geração da migração. Já abordamos a cena inicial do romance, em que a adolescente grita por mais de um minuto na última aula de história antes das férias por conta de uma atividade que a professora passou. Ela precisava escrever sobre a história de sua família durante o recesso escolar. Quando sua tia chega na Inglaterra e os momentos de estranhamento entre elas diminuem, ela pede a Meryem que a ajude com o dever, dizendo que quer conhecer tudo sobre sua história familiar. Nesse trecho podemos ver como a memória também está em conflito, isto é, podem haver diferentes entendimentos sobre um acontecimento.

— Tudo — repetiu Meryem. — Mas ninguém sabe tudo. Nem eu, nem seu pai... Só sabemos pedaços, cada um de nós, e às vezes os seus pedaços não se encaixam nos meus e então de que adianta falar do passado, só acaba magoando todo mundo. Você sabe o que dizem, mantenha a língua prisioneira na boca. A sabedoria consiste em dez partes: nove de silêncio, uma de palavras.

Ada cruzou os braços.

— Discordo. Devemos sempre falar, não importa o que aconteça. Não entendo do que vocês têm tanto medo. E, além disso, eu tenho lido sobre o assunto por conta própria. Sei que havia muita hostilidade e violência entre gregos e turcos. Os britânicos também estavam envolvidos, não podemos ignorar o colonialismo. É óbvio. Não entendo por que meu pai faz tanto mistério, como se tudo isso fosse algum tipo de segredo. Ele parece que não sabe que está tudo na Internet. As pessoas da minha idade não têm medo de fazer perguntas. O mundo mudou (Safak, 2022, p. 109).

Conforme o laço das duas se estreita, Ada grava uma entrevista com Meryem para seu trabalho, mas em certo ponto, vemos que a entrevista, que era uma atividade escolar, virou um momento de descobrimento pessoal para a adolescente, na busca de conhecer sua história, para se conhecer.

— Eu meio que entendo por que meus parentes mais velhos acharam difícil aceitar o casamento dos meus pais. Era outra geração. Imagino que todos tenham passado por muita coisa. O que não entendi é por que meus próprios pais nunca falaram sobre o passado, mesmo depois de se mudarem para a Inglaterra. Por que o silêncio?

— Não sei ao certo se posso responder isso — disse Meryem, uma nota de cautela na voz.

— Experimente. — Ada inclinou para frente e parou o gravador. — A propósito, isso não é para a escola. É para mim (Safak, 2022, p. 281-282).

Essa jornada de entender de onde vem a resina líquida que habita em seu interior, é um primeiro passo para lidar com esse trauma na narrativa. Ao insistir em entender tudo que passou na ilha cipriota, Ada convence seu pai a se abrir e diminuir seu insulamento. Ao final do romance, em uma ligação com Meryem, Ada conta da promessa que seu pai fez em levá-la ao Chipre e pronuncia a seguinte frase: “— Eu vou para a ilha — contou Ada, com um novo tom na voz. — Só quero conhecer ilhéus, como eu.” (Safak, 2022, p. 303). Nesse trecho há diversos pontos interessantes, o primeiro que ela usa uma frase muito parecida com a de sua mãe, reafirmando algumas semelhanças entre as duas; também notamos o processo de descobrimento e identificação com uma identidade não apenas individual, mas coletiva; por fim, vemos o reforço do cipriotismo que comentamos no subcapítulo anterior.

Como vimos, a memória coletiva exige uma interação com o grupo que a compartilha, pois é por meio da socialização que os indivíduos se apropriam dessa herança simbólica. A perspectiva de Ada viajar para a ilha remete à necessidade desse contato direto, sugerindo que apenas ao se inserir nesse ambiente e interagir com aqueles que vivenciaram e preservam essa memória, ela poderá realmente internalizá-la.

Até então, essa conexão não se deu na profundidade necessária, e sua identidade permanece fragmentada pela ausência dessa vivência compartilhada. Dessa forma, a viagem se apresenta como um possível ponto de ruptura, no qual Ada poderá não apenas compreender sua história familiar, mas também situar-se na memória coletiva cipriota. Ela iniciou esse processo com sua tia, mas ainda há muito que ela precisa conhecer e a assimilar esses acontecimentos em seu psiquismo interior, entendendo de fato a origem e desdobramento destes sentimentos que possuía.

A memória não é privada e o romance nos confirma a importância da socialização. Podemos notar como os conceitos que analisamos são mobilizados no romance, ao dialogar com os complexos processos constitutivos da memória coletiva, trauma e trauma geracional, principalmente no modo como diferentes personagens interpretam e lidam com suas vivências. No decorrer da trama, Ada compreende a origem de seu trauma geracional e encontra espaço no seu meio familiar para conversar sobre os assuntos que sente que precisa descobrir. Ir ao Chipre irá conectá-la com a história de sua família, da ilha e da Figueira.

Pelos fragmentos do texto notamos como foi internalizado as estruturas violentas do conflito e seus reflexos na vida das comunidades afetadas. Utilizamos do romance como um instrumento para demonstrar que os temas de memória e trauma são relevantes em análises de conflitos étnicos, mas além deste aspecto, reforçamos como uma produção artística, em nosso caso literária, pode ser um meio para entender alguns temas da realidade social. As obras literárias não apenas representam a realidade, mas incorporam elementos da vivência social em suas estruturas, dessa forma, mobiliza recursos linguísticos para abordar temas complexos e sensíveis como o trauma em um conflito étnico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa buscou discutir conceitos como trauma e memória a partir do romance *A Ilhas das Árvores perdidas*, buscando identificar os momentos da trama que, além de explicar esses conceitos, nos afirmam os reflexos do conflito cipriota nas identidades culturais dos personagens. Para tal, traçamos um caminho ao longo de nosso texto para ser possível entender os fragmentos do livro relacionado com seu contexto de produção e estruturas sociais cipriotas.

Na primeira sessão apresentamos os aportes da Sociologia da Literatura que foram úteis para entender a relação da produção literária e o contínuo social dos leitores e do autor. Realizamos um recorrido sobre a constituição deste campo de estudo e apresentamos algumas vertentes a partir da análise de Sapiro (2023). Apresentamos alguns debates e dificuldades na institucionalização desta área de estudos, assim como discussões metodológicas que ocorrem na Sociologia da Literatura. Pensamos também nos impactos que uma trama como essa pode causar, justamente por ser um meio de comunicação e por estar atrelada a algumas ideologias e signos da sociedade cipriota. As considerações de Antonio Candido nos foram úteis para entendermos o sentido social simbólico de um texto literário, pois este pode revelar características de uma comunidade.

Passamos brevemente pelas possibilidades de estudos na área apresentadas por Candido. A partir das contribuições de Antonio Candido, buscamos compreender, a partir da narrativa literária, as características sociais que estruturam a mesma, não sendo somente um reflexo de uma realidade. Esses fatores são consolidados a partir da necessidade de interação para a formação e difusão de uma produção artística, e no caso da literatura, a tríade indissolúvel entre obra, autor e público.

Com os parâmetros debatidos pelo círculo de Bakhtin, e a discussão sobre a interação do autor, seu contexto social, leitores e a produção literária, analisamos como ocorre a formação dos signos, que possuem um conteúdo ideológico. Para além de um retrato da realidade, eles existem materialmente na mesma e refratam outra realidade. Formadora da consciência individual, vemos que a palavra é um signo que pode ser utilizado por várias ideologias e a partir disso é a principal ferramenta para basear o psiquismo interior dos indivíduos e indicar as transformações sociais. Lembramos que os signos são formados por meio de interação e comunicação entre os indivíduos.

A formação do discurso interior é ideologicamente baseado nos signos que se expressam no meio social. Derivando disso, vimos, com Maurice Halbwachs, os caminhos

pelos quais a memória também é construída nas interações sociais e mantém uma relação constante com os grupos, isto é, a memória é coletiva e exige que o indivíduo esteja em contato com o grupo social que a compartilha para fazer parte desta lembrança. Na sua pesquisa, Halbwachs (1990) afirma que dois grupos distintos podem dividir uma memória e notamos isso no conflito cipriota com os greco-cipriotas e turco-cipriotas, que viveram o mesmo conflito, mas possuem interpretações divergentes do mesmo. De maneira semelhante, observamos no romance selecionado que os personagens compartilham um mesmo acontecimento, como Defne e Kostas, mas que tem pontos divergentes em sua memória. Já Ada, que não tem o contato com a memória coletiva, não assimila essa lembrança.

Ainda discutindo o conceito de memória, Nora (1993) comenta sobre os lugares de memória, isto é, formações no espaço material que se tornam referências para uma memória. Como vimos, isso ocorre quando a memória, a qual é a formação do psiquismo interior por signos, é expressa na realidade com o papel de ligar um grupo social àquela lembrança. Na trama escrita por Elif, apresentamos que a Figueira, além de lembrar de diversos acontecimentos, serve como um lugar de memória para Kostas e Defne, e posteriormente para Ada. A adolescente está tentando reconstruir sua história, ou seja, realizando um exercício de memória.

Na sequência, discutimos como Pollak (1989) abordou a questão dos silêncios e os não-ditos. Ele afirma que as memórias traumatizantes e os silêncios produzem marcas profundas nas memórias e se estendem durante gerações, gerando uma dificuldade de integração com o grupo social. A memória está em conflito, principalmente se abordamos os debates de memória nacional e 'clandestina' que resiste em grupos familiares. Derivando desse conflito, notamos as fragmentações na formação da memória nacional cipriota.

Para completar nosso capítulo teórico-metodológico, vimos a relação do trauma a partir de um contexto coletivo, sendo esse, resultados de conflitos que ocorrem no tecido social. Passamos por alguns entendimentos da psicanálise sobre a teoria do trauma, complementando com a ideia de que essa experiência de ruptura pode ser transmitida as demais gerações. As comunidades podem dividir uma memória coletiva traumática, que gera um bloqueio no processo de superação do luto.

Para compreender se o Chipre seria uma destas sociedades traumatizadas, carregando isso em sua memória coletiva, buscamos no segundo capítulo entender o contexto do conflito cipriota. Vimos que a origem das ocupações da ilha remetem a um

tempo bem distante de quando a violência se instaurou, mas as colonizações grega, turca e britânica, foram as principais bases para as divergências políticas, étnicas e culturais que pautaram o conflito. Dessa forma, discorreremos brevemente sobre a história do Chipre, desde sua formação étnica, até o contexto mais recente de negociação para a reunificação de ilha e os projetos das Nações Unidas para restaurar a confiança.

Observando o complexo contexto deste conflito, realizamos um debate sobre nacionalismos e sua configuração no Chipre, constatando as fragmentações nas identidades nacionais e conseqüentemente na memória coletiva destes grupos. Lembramos que os atores que influenciam essa fragmentação não são somente nacionais, como a EOKA, mas também os atores internacionais que atuaram e ainda atuam na ilha. Esse debate nos levou a comentar também que além da dificuldade de identificação com um grupo na ilha, temos as populações que migraram, em que as gerações posteriores estão buscando esse retorno as terras de seus antepassados.

Fechando o segundo capítulo, trouxemos alguns outros exemplos de produções artísticas com o Chipre como palco para o desdobramento das obras. É o caso dos romances e filmes que citamos, assim como a música ligada ao cipriotismo. Essa sessão objetivou expor mais possibilidades de análise do conflito cipriota a partir de produções artísticas e culturais, que podem apresentar diferentes interpretações sobre o ocorrido de acordo com sua relação com os signos ideológicos.

Em nosso terceiro capítulo, apresentamos a trama do romance *A Ilha das Árvores Perdidas*, buscando ambientar a narrativa para que, em seguida, pudéssemos discutir sobre os fragmentos da mesma. Apresentamos os acontecimentos mais gerais do livro inicialmente para na sessão seguinte comentar sobre as estruturas sociais cipriotas interiorizadas na narrativa, como as conseqüências do conflito e as ideologias nacionalistas tanto dos personagens como no contexto de produção do romance.

Por fim, utilizamos alguns fragmentos da trama para identificar as relações entre memória, trauma e trauma geracional. Essas descrições se concentram principalmente nos personagens da Ada, Kostas, Defne, a Figueira e Meryem. Identificamos como o romance aborda esses conceitos relacionando com os impactos do conflito na literatura e na forma como ele pode se expressar na realidade.

Ada é a personagem que contesta como seus antepassados lidam com a questão do Chipre. Ela questiona sobre seu passado e busca entender como se constituíram as relações entre seus familiares, visando compreender o porquê todo esse contexto lhe foi privado. Suas crises de identidade coletiva demonstram como os efeitos do silêncio e as

marcas dos traumas familiares passaram por gerações em sua linhagem e acabam por definir sua relação com o grupo social ao seu entorno.

Não visamos esgotar o assunto sobre este romance ou sobre as obras literárias que abordam o contexto cipriota. Entendemos que dessa pesquisa outras análises podem discutir, por exemplo, a questão ambiental, expressivamente abordada na trama de Elif, chamando atenção para as mudanças climáticas, uso inapropriado do solo, contrabando de animais e recursos provenientes da ilha. Outro possível enfoque é os impactos da colonização no Chipre e intervenção de outros atores internacionais, que influenciaram as políticas cipriotas para o complexo cenário que encontramos hoje.

O romance *A Ilha das Árvores perdidas*, assim como a história do Chipre, possui muitos emaranhados e complexos desdobramentos históricos de longa duração. Dessa maneira, há uma gama de temas que podem ser analisados relacionando estes dois. De forma semelhante, é possível visualizar o conflito cipriota a partir de outras produções artísticas ou estudar o romance a partir de outros conceitos. Idealizamos a continuidade de pesquisas utilizando os aportes teóricos-metodológicos que apresentamos, relacionando a Sociologia da Literatura com o círculo de Bakhtin, para a compreensão das produções literárias através de uma análise de discurso crítica e sociológica.

REFERÊNCIAS

AKSU, EŞREF. **The UN in the Cyprus conflict: UNFICYP**. In: AKSU, EŞREF. The United Nations, intra-state peacekeeping and normative change. [S. l.]: Manchester University Press, 2003. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctt155j6v7.10>. Acesso em: 22 jan. 2025.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOĞAÇ, Barçın. **An Island Getting Divided at the Cinema: Transformational Microhistory of Cinemagoing and Nationalism in Cyprus**. JOURNAL OF BALKAN AND NEAR EASTERN STUDIES, [s. l.], 2023. DOI <https://doi.org/10.1080/19448953.2023.2167339>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/19448953.2023.2167339>. Acesso em: 24 jan. 2025.

BOHLEBER, Werner. **Recordação, trauma e memória coletiva: a luta pela recordação em psicanálise**. Revista Brasileira de Psicanálise, [s. l.], 2007. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000100015. Acesso em: 2 dez. 2024.

Candido, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio De Janeiro: [S. N.], 2006.
DODD, Clement. The History and Politics of the Cyprus Conflict. [S. l.: s. n.], 2010.
FARACO, Carlos Alberto. Linguagem e diálogo: As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: [s. n.], 2009.

Guimarães, Samuel Pinheiro. **Nação, nacionalismo, Estado**. ESTUDOS AVANÇADOS, [s. l.], 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/YR3Z6J3mg8VMpb8crH5jhYP/?format=pdf>. Acesso em: 22 jan. 2025.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

KER-LINDSAY, James. Title: **The Cyprus Problem**. In: BEBLER, Anton (ed.). "Frozen conflicts" in Europe. [S. l.]: Verlag Barbara Budrich, 2015. Disponível em: URL: <https://www.jstor.org/stable/j.ctvdf0bmg.4>. Acesso em: 22 jan. 2025.

KING, Russell; CHRISTOU, Anastasia. **Diaspora, migration and transnationalism: Insights from the study of second-generation 'returnees'**. In: BAUBÖCK, Rainer; FAIST, Thomas (ed.). Diaspora and Transnationalism: Concepts, Theories and Methods. [S. l.]: Amsterdam University Press, 2010. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/pdf/j.ctt46mz31.12.pdf?refreqid=excelsior%3A891ecaa1b7c41ea03925ca72a929d320&ab_segments=&origin. Acesso em: 22 jan. 2025.

Loizides, Neophytos G. **Ethnic Nationalism and Adaptation in Cyprus**. International Studies Perspectives, [s. l.], 2007. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/44214613>. Acesso em: 22 jan. 2025.

NASCIMENTO, Paulo César. **Dilemas do Nacionalismo**. BIB, [s. l.], 2003. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/265>. Acesso em: 22 jan. 2025.

NAVARO-YASHIN, Yael. **De-ethnicizing the Ethnography of Cyprus**. In: PAPADAKIS, Yiannis; PERISTIANIS, Nicos; WELZ, Gisela (ed.). *Divided Cyprus: modernity, history, and an island in conflict*. [S. l.]: Indiana University Press, 2006. cap. 4.

Nora , Pierre. **Entre Memória e História: A Problemática Dos Lugares**. Gallimard, [S. L.], 1993. Disponível em: <https://Revistas.Pucsp.Br/Index.Php/Revph/Article/View/12101>. Acesso Em: 9 Set. 2024.

PERISTIANIS, Nicos. **Cypriot Nationalism, Dual Identity, and Politics**. In: PAPADAKIS, Yiannis; PERISTIANIS, Nicos; WELZ, Gisela (ed.). *Divided Cyprus: modernity, history, and an island in conflict*. [S. l.]: Indiana University Press, 2006. cap. 5.

Pollak, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, [S. L.], 1989. Disponível em: https://Www.Uel.Br/Cch/Cdph/Arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.Pdf. Acesso Em: 9 Set. 2024.

ROBERT NOVO, Andrew. **On All Fronts: EOKA and the Cyprus Insurgency, 1955-1959**. [S. l.]: University of Oxford, 2010. Disponível em: <https://ora.ox.ac.uk/objects/uuid:9fcd14f8-f60d-49b3-82b4-411e3370e890/files/m0fa9d78584218efb2433e6251c3ea91a>. Acesso em: 22 jan. 2025.

Safak, Elif. **A Ilha Das Árvores Perdidas**. [S. L.]: Tag, 2022.

Sapiro , Gisèle. **The Sociology Of Literature**. Stanford: [S. N.], 2023.

Silva , Márcio Seligmann. **Literatura e Trauma**. Pro-Posições , [S. L.], Set-Dez 2002. Disponível em: <https://Www.Fe.Unicamp.Br/Pf-Fe/Publicacao/2165/39-Dossie-Silvams.Pdf>. Acesso Em: 9 Set. 2024.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. [S. l.]: EDITORA 34, 2017.

WAY, Lyndon C.S. **The local news media impeding solutions to the Cyprus conflict: competing discourses of nationalism in Turkish Cypriot radio news**. *Social Semiotics*, [s. l.], feb 2011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10350330.2011.535668>. Acesso em: 22 jan. 2025.